

CAMINHOS DE PENETRAÇÃO DA CAPITANIA DE SÃO PAULO

Paulo Pereira dos Reis (*)

ABSTRACT

The São Paulo Village played a very important part as a irradiative center to the penetration and conquer of the Brazilian backwoods. It happened mainly because of its expedition in the direction of the west and southern that were besides the "Tordesilhas" meridian.

This historical done were favored by São Paulo geographical situation, which was the first nucleus of the Portuguese settling, raised in the inland of Brazil. This became the man of São Paulo by his habitat the "bandeirante" beyond comparison. The conquer of the backwoods were in his historical destiny.

There was nearly São Paulo the springs of the rivers "Paraíba do Sul" and "Tietê" that permitted to the "bandeirantes" the penetration down the river in the East—North and western directions. The Tietê river, admirable road, which propitiated the contacts with the Paraná River and the affluents of the Paraguai River, becomes detached in the exceptional geographical position of São Paulo Village.

The expeditions for the capture of the indian slaves and to look for metals and precious stones led the men of São Paulo to another ways in the backwoods which diffused from São Paulo to all the directions of the country.

So São Paulo performed his historical destiny populating and enlarging considerably the Brazilian territory.

I — AS INCURSÕES QUINHENTISTAS ÀS TERRAS VICENTINAS

a) *A entrada dos quatro homens da frota de Martim Afonso*

Os primeiros caminhos de penetração dos colonizadores partiram, como é óbvio, do litoral para o interior. Martim Afonso de Sousa ⁽¹⁾, que

(*) Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paulista de História.

(1) Iniciei o relato em 1531, com Martim Afonso, mas há notícia de uma entrada ocorrida em 1504, sob a chefia de Amerigo Vespucci que, acompanhado de trinta homens, penetrou "umas 40 léguas" pelos sertões de Cabo Frio (Capistrano de Abreu — *O Descobrimento do Brasil*, p. 255). Essa participação do famoso florentino na expedição portuguesa de 1503-1504 está narrada na *Lettera al Soderini*, traduzida e publicada por Varnhagen na RIHGB (v. XLI, P. 1.^a, p. 17). Todavia, convém lembrar que o historiador T.O. Marcondes de Souza, considerou apócrifa a *Lettera* da 4.^a viagem de Vespucci ao Brasil. Cf. *Amerigo Vespucci e suas viagens*, pp. 118-123.

chefiou a expedição guarda-costa e povoadora, após fundear na Baía do Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1531, mandou "... o capitam I 4 homens pela terra dentro: e foram e vieram em 2 meses; e andaram pela terra 115 leguas; e as 65 dellas foram por montanhas mui grandes, e as 50 foram por hum campo mui grande: e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam I; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata..." (2).

Benedito Calixto, à vista desse excerto do *Diário* de Pero Lopes, inferiu que essa expedição foi enviada para "explorar a bacia e vale do Paraíba, até as encostas da Mantiqueira" (3). Leite Pereira interpretou a citada notícia da entrada lusitana de forma semelhante à do escritor itanhaense, estendendo, entretanto, a viagem às terras mineiras: "Ora, em seguida às 65 leguas por montanhas mui grandes (serras do Mar e da Mantiqueira), as 50 leguas por um campo mui grande achão se ser em Minas Geraes, região do campo. No século XVII era esta região qualificada de *campos geraes*, assim conhecidos desde o morro da Boa Vista (município de Pouzo Alto) até os confins da Bahia (via rio das Velhas e S. Francisco)" (4). Orville Derby também havia considerado "provável" o adentramento da "mal conhecida expedição" em território mineiro (5). Mas Capistrano, apreciando o assunto, considerou "preferível admitir que (os emissários lusos) tenham ido a terras de São Paulo, pois só nestas havia conhecimento das riquezas do Rio Paraguai" (6). O historiador J.F. de Almeida Prado revelou também um entendimento semelhante ao escrever: "Conjetura a maior parte dos modernos historiadores ter-se efetuado este percurso nos atuais Estados do Rio de Janeiro e S. Paulo, pelas margens do Paraíba até os Campos de Piratininga".

"Narravam os expedicionários que a caminhada se efetuara por sessenta e cinco léguas em extenso vale, entre altas serras e cinqüenta por descampados, descrição condizente com o aspecto do território entre o estuário e a futura cidade de São Paulo. Nesse lugar encontraram 'um grande rei', senhor da região, o qual seria com bastante probabilidade o famoso Tibiriçá amigo dos portugueses de S. Vicente" (7).

A seguir, ainda que "a vol d'oiseau", faço referências às viagens de Aleixo Garcia, em 1526, e de Ulrico Schmidl, em 1552/1553. O primeiro

(2) Sousa, P.L. — "Diário da navegação (de 1530 a 1532)", p. 32.

(3) *Capitania de Itanhaém*, etc., II parte (v. XXI), pp. 255-256.

(4) Pereira, F.L.L. — "Descobrimiento e devassamento...", pp. 550-551.

(5) "Os primeiros descobrimentos...", p. 241.

(6) Abreu, C., in Varnhagen, F.A. — *História Geral do Brasil*, t. I, 6.^a ed., nota 7, p. 125.

(7) Prado, J.F. de Almeida — *São Vicente e as Capitânicas do Sul* ..., p. 424. Além dessa entrada, duas outras foram feitas por ordem de Martim Afonso. A segunda, constituída de 80 homens sob o comando de Pero Lobo, partiu de Cananéia, em 1.^o de setembro de 1531, e não retornou do sertão, onde se supõe tenha sido destroçada pelos Carijós. A terceira e última foi, em domínios da Espanha, explorar o Rio da Prata.

citado saiu do litoral vicentino com três outros portugueses e numerosos índios, cruzou o Paraná e penetrou no Paraguai e Peru⁽⁸⁾; o segundo, ex-soldado alemão a serviço da Espanha, iniciou em 26 de dezembro de 1552 uma viagem por terra de Assunção a São Vicente, onde chegou em 13 de junho de 1553⁽⁹⁾.

b) *As entradas de Brás Cubas e Luís Martins*

Fundadas em 1532 as vilas de São Vicente, no litoral, e Santo André da Borda do Campo, no planalto, além da Serra do Mar, iniciaram os colonos a procura do “ouro de lavagem”, que lhes permitia a aquisição de sal, tecidos, armas e pólvora.

O alvará régio de 7 de setembro de 1559 mandou Luís Martins examinar as minas de metais “que constava existirem nas terras do Brasil vencendo 40\$000 anuais”⁽¹⁰⁾. Em 1560, quando Mem de Sá esteve na Capitania de São Vicente, após a vitória sobre os franceses do Rio de Janeiro, “providenciou para que o provedor Brás Cubas e o mineiro Luís Martins fossem ao sertão a dentro a buscar minas de ouro e prata”⁽¹¹⁾. Os expedicionários percorreram trezentas léguas de sertões em busca de ouro e prata, tendo se dirigido, segundo Almeida Morais, para “...as bandas do S. Francisco, ao norte, até o Pará-Mirim, seu afluente da margem esquerda”. Passando por terras onde se ergueria Mogi das Cruzes, “desceram pelo Paraíba, guiados pelos índios, até a passagem da Cachoeira, onde encontraram o caminho que atravessava do litoral para a serra acima, e tomando por esse caminho subiram a serra Jaguamimbaba (Mantiqueira), foram à barra do rio das Velhas e correram a margem do S. Francisco até o Pará-Mirim, ou algum tanto adiante, donde voltaram pelo mesmo caminho”⁽¹²⁾, com algum ouro.

Em carta dirigida ao rei, em 25 de abril de 1562, Brás Cubas declarou:

“...vindo a esta capitania o governador Mem de Sá, lhe parecera vosso serviço que eu fôsse por este sertão dentro, com um homem que V. A. de lá mandou buscar minas de ouro e prata; e como fôra à minha custa a gente que levava comigo, e que andaria de jornada trezentas léguas; por respeito das águas que se vinham, me tornei; e as amostras que trouxe mandei a V. A. e ao governador à Bahia, para que ambas as vias soubessem o que se achara daquela viagem”.

(8) Guzman, Rui Diaz de, pp. 38-41.

(9) Kloster, W. e Sommer, F., pp. 71-76.

(10) *AESP.*, D.I., v. XLVIII, p. 31.

(11) Morais, F.C.M. — *Brás Cubas etc.*, p. 28. Cf. também, Cordeiro, J.P.L. — *Brás Cubas, etc.*, pp. 554-555.

(12) *Idem*, *ibidem*, pp. 29-30.

Ainda é o provedor da Capitania de São Vicente quem nos informa na mesma carta: "Por eu vir muito doente do campo, e não poder lá tornar, tomei logo a mandar o mineiro Luís Martins ao sertão em busca de ouro; e quis Nosso Senhor que o achou em seis partes, trinta léguas desta vila, tão bom como o das Minas e dos mesmos quilates" (13).

Por este excerto da missiva comprova-se que Luís Martins, em 1562, encontrara ouro nas proximidades de Santos, provavelmente no Jaraguá. Não encontrei a fonte onde se apoiou Almeida Morais para descrever o itinerário das 300 léguas percorridas pela expedição de Brás Cubas.

Afonso de E. Taunay (14) afirmou apenas que a "expedição percorreu trezentas léguas de hinterlândia em busca de ouro" e Myriam Ellis (15) declarou que "não se sabe exatamente que rumo tomou".

Ainda que se ponham dúvidas, por falta de documentação comprobatória, quanto à exatidão do roteiro, acima descrito, da expedição de Brás Cubas, é fato evidente que a "situação geográfica de Piratininga impelia-a para o sertão, para os dois rios de cuja bacia se avizinha, o Tietê e o Paraíba do Sul, teatros prováveis das primeiras bandeiras, que tornaram logo famoso e temido o nome paulista" (16).

Também Carvalho Franco (17) julgava que fosse esse o percurso da expedição do fundador de Santos: "Senhor de terras de Mogi das Cruzes, onde, em 1561, estabelece fazenda, de documentos antigos se infere que a sua entrada, norteada pelos tupiniquins devera ter ganho o vale do Paraíba internando-se nas Minas Gerais".

São contemporâneos desses fatos as incursões de José de Anchieta, em 1561, ao curso superior do Anhembi, e de João Ramalho, em 1562, ao do Paraíba (18). Afonso Sardinha, o moço, que se tornou famoso pelas primeiras descobertas de ouro na Capitania de São Vicente, localizou ouro de aluvião na Serra da Mantiqueira (em 1589 a 1600), em Guarulhos, no Jaraguá e em São Roque. Também encontrou ferro no Ipanema e realizou, em 1598, uma entrada que adentrou por terras mineiras até ao alto curso do São Francisco.

(13) Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, p. V.

(14) Taunay — *Hist. Bandeiras Paulistas*, t. I, p. 17.

(15) Ellis, M. — "Pesquisas sobre a existência do ouro" etc., p. 59.

(16) C. Abreu — *Caminhos antigos...*, p. 75.

(17) Franco, F.A.C. — *Bandeiras e Bandeirantes...*, p. 35. Gentil de Assis Moura ilustrou o seu estudo sobre "Santo André da Borda do Campo" com um mapa que localiza a "Sesmaria de Brás Cubas" fora do sítio onde se ergueu Mogi das Cruzes (RIHGSP, v. XIV, 1909, SP, 1912, pp. 5-22). Isaac Grinberg elucida muito bem o assunto em seu livro *Gaspar Vaz fundador de Mogi das Cruzes*, SP, 1980.

(18) Taunay, A.E. — *Hist. Band. Paulistas*, t. I, p. 28 e Ellis Jr. M *O Bandeirismo...*, p. 53.

Descendo-se o Tietê, poder-se-ia alcançar o Rio Paraná e toda a bacia do Prata; navegando a favor da correnteza, nas águas do Paraíba do Sul, alcançaram os bandeirantes, com relativa facilidade, nas terras de Guapacaré, “antes do rio encachoeirar-se”, a garganta do Embaú, por onde se transpunha a Mantiqueira, penetrando, desse modo, nos famosos sertões de Minas Gerais. Esse era o caminho dos índios “guaianás” que subiam a Serra do Mar, na região onde se encontra hoje Paraty, e se adentravam pelas terras de Ipacaré (ou Guapacaré), onde atravessavam o desfiladeiro do *Mbaú* ⁽¹⁹⁾ e atingiam a região que habitavam os cataguás.

c) *A expedição de João Botafogo*

Ainda foi aventada a hipótese de que a poderosa expedição que partiu de São Paulo em outubro de 1596, integrada por mais de cem brancos, além do contingente indígena, comandada por João Pereira de Sousa Botafogo, e, depois, a partir de meados de 1597, por Domingos Rodrigues, tenha, de fato, percorrido o Vale do Paraíba.

Aliás, Carvalho Franco escreveu que “um troço da mesma, chefiado por Domingos Rodrigues, havia ganho outro rumo que não o que ia levando Botafogo, o qual, descendo as margens do Parahiba, havia penetrado nas terras dos rios Verde e Sapucahi” ⁽²⁰⁾.

Washington Luís negou esse roteiro ao asseverar que “foi no sertão onde corre o Rio Parnaíba, afluente do alto Rio Paraná, que João Pereira de Souza foi fazer guerra ao gentio” ⁽²¹⁾.

Américo de Moura escreveu que o citado João Pereira, “em fevereiro de 1597, estava com arraial no *sertão de Parnaíba* (Inv., I, p. 79)” ⁽²²⁾. Ellis Júnior, em *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*, concordando com Washington Luís, retificou seu próprio entendimento afirmando

(19) De *Mbaú* resultou a denominação posterior *Embaú*. “*Mbaú* ou *Mbaé* significa entrar e sair, isto é, corredor, garganta da serra”, segundo escreveu Diogo de Vasconcelos (*Hist. Antiga* . . . , 1.º v., p. 183). O primitivo caminho de S. Paulo para “as minas novas”, depois de atravessar a garganta do Embaú, dirigia-se para Ibituruna, de onde se alcançava o R. das Mortes. Mais tarde usou-se um atalho, julgado mais conveniente, que, partindo de Baependi, dirigia-se para S. João-del-Rei, pelo sertão de Carrancas. Ver D. Vasconcelos — ob. cit., v. 2, p. 344.

(20) Franco, F.A.C. — *Os Companheiros* . . . , *separata*, p. 14.

(21) Sousa, W.L.P. — *Na Capitania de São Vicente*, p. 209: “Conforme se vê pelas atas da Câmara de S. Paulo, que se referem às entradas de Antonio de Macedo e de Domingos Luiz Grou, já esses sertanistas lá tinham estado. As bandeiras já tinham atravessado o Rio Jaguari, tributário do Tietê, e o Pirapetingui seu afluente do Rio Pardo”.

(22) Moura, A. — “Os povoadores do campo” etc., p. 464. O grifo é da transcrição.

que o “rumo da bandeira de Botafogo, o qual se orienta assim para oeste, em direcção ao Paranahyba, talvez em vez do norte como supunha eu” (23).

d) *As entradas de Knivet e Martim de Sá*

Recebendo determinação de Martim de Sá para comprar ‘peças’ escravas, Knivet principiou a sua jornada, em 1594, no aldeamento de *Wianasses* de Jaguarapipo, existente na barra de Angra dos Reis, cruzou as serras do Mar e da Bocaina, desceu o Rio Bananal, transpôs o Paraíba e prosseguiu pelas terras ribeirinhas do Turvo em demanda das matas da margem direita do Rio Preto, até encontrar, depois de uma viagem de ‘cem milhas’, uma aldeia de Puris consideravelmente povoada, onde a caravana foi bem recebida por um ‘velho morubixaba’ que tornou possível a negociação de setenta ‘escravos de todos os sexos e idades’ que, após uma jornada de regresso de quarenta dias, foram entregues a Martim de Sá (24).

Em 14 de outubro de 1597, partiu do Rio de Janeiro, chefiada por Martim de Sá, uma expedição contra os Tamoios do Vale do Paraíba paulista. Em seu itinerário, que se iniciou ao longo da costa, no sentido N-S, incorporaram-se à entrada “quinhentos selvagens (‘Wianasses’) de (...) Jaguarapipo” e “oitenta frecheiros” (também ‘Wianasses’) da aldeia de Juqueriquerê, “na costa fronteira à ilha de São Sebastião, somando ao todo setecentos portugueses e dois mil índios que desembarcaram em Paraty, donde prosseguiram, pelo litoral, “. . . até perto de Ubatuba”, em cujas imediações atravessaram a Serra do Mar para percorrerem, durante “. . . quarenta dias (...) vales e montes. . .”, até atingirem um “. . . grande rio chamado *Paracuona*. . .”, curso d’água que Teodoro Sampaio identificou como sendo o Paraíba “. . . na sua junção com o Parahytinga”. Essa expedição, que possivelmente andou pelas terras compreendidas entre os atuais municípios de Pindamonhangaba e São José dos Campos ou, talvez, Jacareí (25), também atingiu, como afirmou Teodoro Sampaio (26), Minas Gerais.

(23) Ellis Jr. — ob. cit., p. 57. Em *Meio século de bandeirismo*, obra posterior, o Prof. Alfredo Ellis Jr. declarou-se convencido “de que a bandeira de *João Pereira de Sousa Botafogo* não trilhou regiões mineiras, mas sim paranaenses (...) porque se os índios talados por *Botafogo* eram da nação Guairá, estes tendo o seu habitat no Guairá, (...) não poderiam ter ido para o Norte e deveriam forçosamente ter ido para o Sul”, pp. 28 e 32.

(24) Reis, P.P. — *O Índigena do Vale do Paraíba*, p. 92.

(25) Idem, *Ibidem*, pp. 92-93.

(26) “Peregrinações de Antonio Knivet”, etc., pp. 346 e seguintes.

II — OS “CAMINHOS DO MAR” NO LITORAL DE SÃO VICENTE

a) *A penetração nos “Campos de Piratininga”*

Sendo os conquistadores do Brasil homens de além-mar, o povoamento iniciou-se pelo litoral, antes de 1532, com as incursões, passagens e desembarques, até então irregulares ou acidentais, de europeus na costa vicentina, desde a Ilha de Guaybé ou Guaimbé (Sto. Amaro) até “Cananor” (Cananéia). Martim Afonso, depois de chegar à feitoria de S. Vicente em janeiro de 1532, subiu a Serra do Mar em companhia de João Ramalho e visitou, nos “Campos de Piratininga”, a aldeia onde aquele velho morador da terra vivia com numerosa família, sendo, inegavelmente, um pioneiro do povoamento espontâneo do planalto piratiningano.

Todavia, ainda em 1550, a população branca dessa região vivia dispersa, “derramada”, como observou o Pe. Leonardo Nunes. Mas, atendendo ao apelo do citado jesuíta, esses povoadores europeus “. . .convieram em se reunir em povoado, onde fizessem uma ermida, elegendo logo sítio para esta”. Assim surgiu “. . .o primeiro povoado que se denominou de Santo André (. . .) onde vieram residir João Ramalho e seus filhos. . .”⁽²⁷⁾, ereto em vila em 1553, tornando-se o famoso genro de Tibiriçá seu alcaide-mor.

Menos de um ano depois, em 25 de janeiro de 1554, foi fundado o colégio de São Paulo de Piratininga que se transformou em poderoso centro de atração de silvícolas e dos cristãos, enfraquecendo e esvaziando a vila de João Ramalho, que acabou extinta por sugestão dos loiolistas e ordem de Mem de Sá, 3.º governador-geral do Brasil.

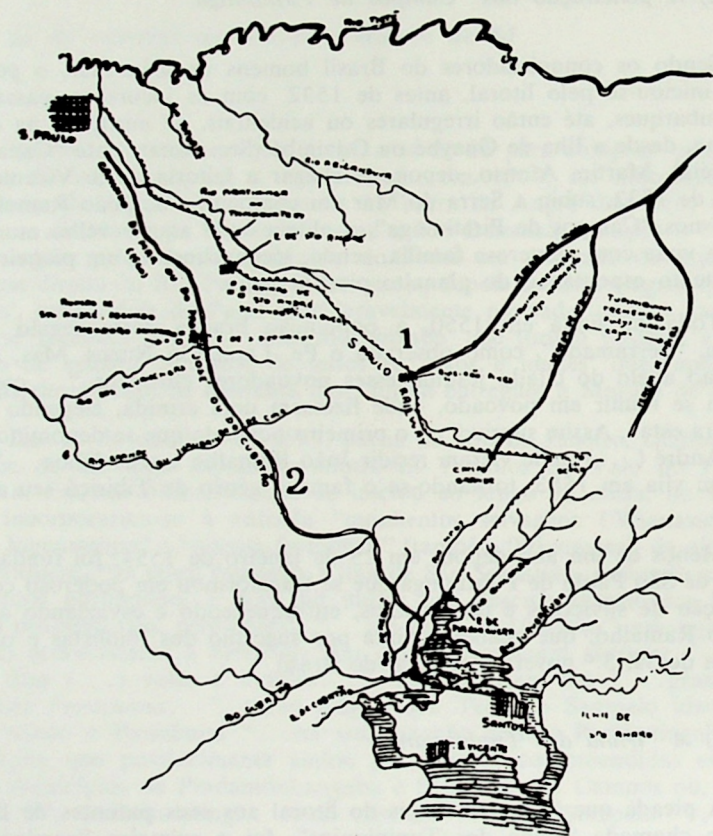
b) *A “trilha dos Tupiniquins”*

A picada que ligava os Tupis do litoral aos seus parentes de Piratininga, a chamada “trilha dos Tupiniquins”, foi o primeiro “caminho do mar”. Foi a veréia perlustrada por João Ramalho, Martim Afonso e pelos primeiros povoadores brancos do planalto. O citado trâmite iniciava-se no porto velho de “Peaçaçüera”, subia a Paranapiacaba pela margem direita do Rio Quilombo até suas cabeceiras no “Alto da Serra”, onde tomava rumo NO, passando ao longo do Rio Tamanduateí (Piratininga) até a sua foz no Tietê.

Como observou Batista Pereira, “o seu traçado revela o raro tino de orientação do índio: os engenheiros que construíram a S. Paulo Railway

(27) Sampaio, T. — “Onde foi o assento da Vila de Santo André da Borda do Campo”, in RIHGSP, v. 9, p. 6.

OS CAMINHOS DO MAR EM 1560



1) O primeiro Caminho do Mar ou Trilha dos Tupiniquins (traçado da inglesa), mandado fechar em 1560, antes da extinção de Santo André.

2) O segundo Caminho do Mar (ou do Padre José), mandado abrir por Mem de Sá em 1560.

(Gráfico publicado em "A Cidade de Anchieta", de autoria de Antonio Baptista Pereira, Revista do Arquivo Municipal, volume XXII, Ano II, São Paulo, maio de 1936).

adotaram-no quase que rigorosamente” (28). O caminheiro que viesse do litoral podia, em vez de dobrar à esquerda, em busca dos campos de Piratininga, prosseguir, rumo NE, para palmear os trilhos indígenas que se dirigiam às nascentes do Tietê e às terras de “Boigo”. Uma dessas azinhagas deve ter sido percorrida por Brás Cubas (em 1560) e, também, palmilhada por Gaspar Vaz, *povoador de “Mogi-Mirim”* (29).

Carvalho Franco ensinou que “. . . os moradores de S. Paulo somente obtinham penosa comunicação com Mogi pela via do rio Tietê. . .” cabendo a D. Francisco de Sousa ordenar a abertura de uma estrada ligando São Paulo a Mogi, que facilitou a penetração das bandeiras no Vale do Paraíba (30).

c) *O segundo “caminho do mar”*

O segundo “caminho do mar”, contemporâneo da colonização oficial portuguesa, aberto entre 1553 e 1560, e conhecido pelas denominações de “caminho do Cubatão Geral” ou “estrada do Pe. José”, foi uma variante da “trilha dos Tupiniquins”. Essa senda iniciava-se nos “campos de Piratininga”, transpunha os rios Ipiranga e dos Meninos, cruzava a garganta do Botujuru e o vale do Mororé, para alcançar a bocaina do Perequê, descer a Paranapiacaba (31) e surdir no porto de Cubatão, “. . . distante mais de uma légua do outro de Piassaguera” (32). Nessa época, as contendas entre João Ramalho, alcaide-mor de Santo André, e os jesuítas culminaram com a vitória dos religiosos, que acabaram obtendo, em 1560, a supressão da vila andreense, fechando-se e obstruindo-se a “trilha dos Tupiniquins” e passando São Paulo de Piratininga, desde aquela data, a comunicar-se com o litoral, exclusivamente, através do “caminho do Pe. José” (Anchieta) (33).

Estava assim estabelecido em bases definitivas, apesar de incômodo e inacabado durante muito tempo, o “caminho do mar”, rumo ao litoral, que se tornou a base do “sistema São Paulo-Santos” e passou a desempenhar importantíssimo papel na vida econômica e política de S. Paulo.

(28) Batista Pereira, A. — “A Cidade de Anchieta”, in R.A.M., v. XXIII, p. 34.

(29) Bruno, E. da Silva — *Viagem ao País dos Paulistas*, p. 39. Há referência a Gaspar Vaz Guedes, mas preferi citar o nome como sendo *Gaspar Vaz*, como registrou a sesmaria que obteve em Mogi (*AESP.*, *Sesmarias*, v. I, pp. 28-29).

(30) Carvalho Franco — *Dicionário . . .*, verbete “Dom Francisco de Sousa”. Como D. Francisco de Sousa chegou em S. Paulo em maio de 1559, a citada variante deve ter sido aberta após essa data, talvez em 1600. Esse caminho foi feito por Gaspar Vaz, conforme documenta a “carta de sesmaria” outorgada a Fulano Rodrigues em 10-11-1609 (*AESP.*, *Sesmarias*, v. I, p. 66).

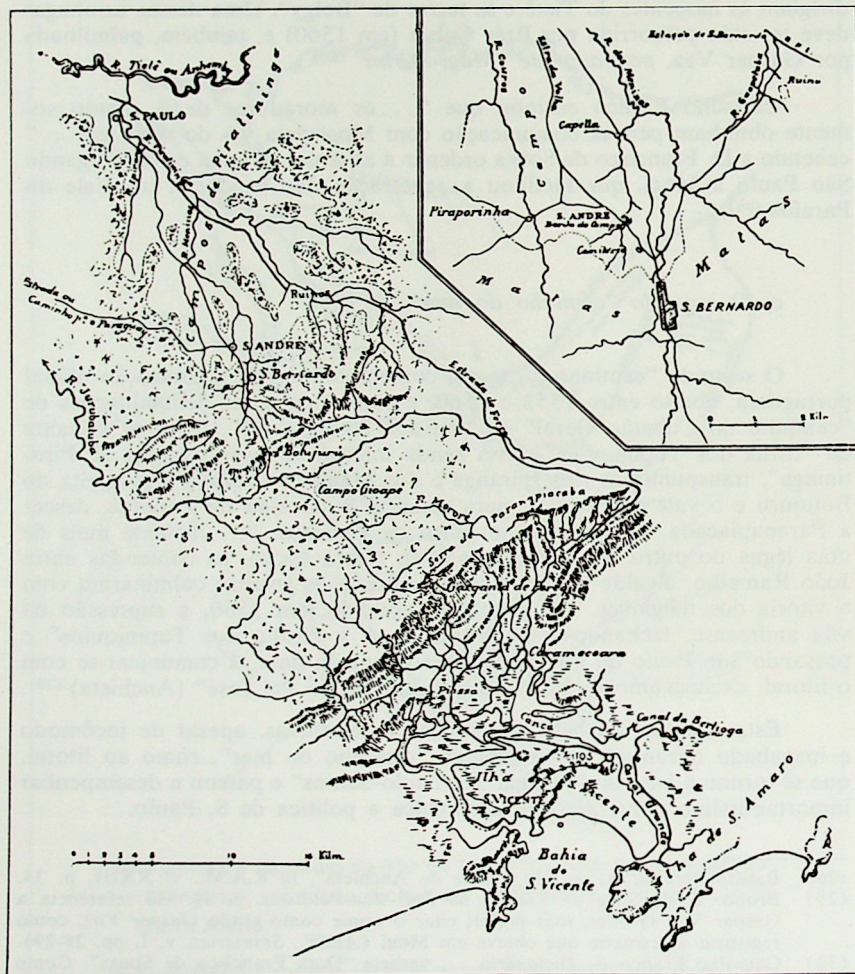
(31) A descrição foi feita com base no mapa elaborado por T. Sampaio para ilustrar o artigo citado na nota (27).

(32) Santos, F. Martins dos — *História de Santos*, v. I, p. 251.

(33) Reis, P.P. — *O Indígena . . .*, p. 42.

O "SEGUNDO CAMINHO DO MAR"

(conforme mapa elaborado por Teodoro Sampaio)



(“Restauração Histórica da Vila de Santo André da Borda do Campo”,
em RIHSP, volume 9, 1904).

Com a extinção da Vila de Santo André da Borda do Campo e transferência do pelourinho para a povoação que se formara em torno do Colégio de S. Paulo, foi possível aos inacianos concentrarem os brancos, mamelucos e catecúmenos e organizarem, com êxito, a defesa do sítio do Colégio contra os assaltos dos índios inconformados com a expansão alienígena no altiplano de Piratininga. Vencida, em fins do século XVI, a resistência dos aborígenes dos arredores de Piratininga, a Vila de S. Paulo passou a desempenhar, inquestionavelmente, uma atividade decisiva e relevante na expansão territorial do Brasil. Para Basílio de Magalhães foram as condições mesológicas, étnicas e sociais que contribuíram para São Paulo exercer esse "... papel proeminente de triplicar a área da colônia..." (34); outros, mais detalhadamente, afirmaram que os "... fatores geográficos, econômicos, sociais e psicológicos fizeram da modestíssima vila de São Paulo de Piratininga do século XVI o centro gerador de um dos mais heróicos episódios da penetração dos continentes, o bandeirismo, de amplas e profundas repercussões na História do Brasil" (35).

Largas e profundas considerações poderiam ser feitas sobre cada um desses fatores. No entanto, por causa da limitação quantitativa a que está sujeito este trabalho, tentarei abordar, com economia de espaço, a condição geográfica. São Paulo foi o primeiro núcleo de povoamento português que se ergueu no interior do país, em pleno sertão, além da Serra de Paranaipacaba. Foi essa situação geográfica singular de "longe-perto do mar" que predestinou a vila piratiningana "... ao domínio do Planalto Meridional brasileiro, ou seja, à condução do movimento de penetração, desbravamento e conquista de grandes áreas situadas além-meridiano de Tordeilhas" (36).

Nas proximidades dos campos de Piratininga partiam dois rios intimamente ligados ao bandeirismo: o Paraíba do Sul, cujas planícies favoreceram as marchas dos paulistas para o Norte, isto é, para Minas Gerais, Bahia e para o NE do Brasil, e o Tietê que se destacou por sua grande importância na História brasileira. Foi esse último curso d'água que conduziu os paulistas para as conquistas de Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e de outras terras castelhanas. Por essa razão, Capistrano de Abreu afirmou que "... a preponderância do Tietê é tamanha que geralmente são considerados sinônimos paulista e bandeirante" (37).

(34) Magalhães, B. de — "Expansão Geográfica do Brasil até fins do séc. XVII", RIHGB, T. Esp., P. II, p. 66.

(35) *A Época Colonial — I — Do Descobrimento à Expansão Territorial*, p. 273.

(36) *A Época Colonial — I*, cit., p. 273.

(37) Capistrano — *O Descobrimento do Brasil*, p. 107.

III — AS PRIMEIRAS VILAS VICENTINAS E O POVOAMENTO DE MINAS GERAIS

a) *As primeiras vilas vicentinas*

Já foram feitas referências às incursões realizadas pelo Vale do Paraíba no século XVI. Nos albores do século seguinte, Andre de Leão, em 1601, chefiou uma poderosa entrada que desceu o Vale do Paraíba até a garganta do Embaú e atravessou a Mantiqueira, percorrendo o território mineiro até a região vizinha do alto São Francisco.

No ano seguinte, em 1602, Nicolau Barreto comandou outra expedição, composta de trezentos homens brancos e mamelucos, além de um corpo auxiliar indígena. A entrada tomou a direção de “Boigi” (Mogi das Cruzes), donde prosseguiu percorrendo roteiro semelhante ao de André de Leão para atingir o Rio Paracatu, afluente do S. Francisco, segundo Azevedo Marques⁽³⁸⁾, Orville Derby⁽³⁹⁾ e Washington Luís⁽⁴⁰⁾, cujas opiniões foram contestadas por Alfredo Ellis Júnior⁽⁴¹⁾, que se referiu ao vale do rio Pequiri, afluente do Paraná e as cercanias de Potosi, ao invés dos sertões de Minas Gerais. Ainda em 1602, Diogo Gonçalves Laço desceu parte do Tietê, depois tomou rumo NE, em busca do vale do Mogi-Guaçu, que “subiu até as suas cabeceiras”. “Teria passado para o vale do Sapucaí, e, em seguida, para o do Rio Verde. Sem detença nos sertões da Mantiqueira voltou presto a São Paulo, pelo Embaú”, trilhando o “caminho velho” de São Paulo para Minas⁽⁴²⁾.

O caminho para Minas, através do Vale do Paraíba, era o mais freqüentado pelos sertanistas, mas outro também bastante batido pelos bandeirantes de São Paulo e Parnaíba era o que cortava a região de Atibaia e Bragança para palmilhar terras próximas ao Morro do Lopo e adentrar no sul de Minas.

A. Ellis Júnior “...acreditava ter Lourenço Castanho entrado nas Gerais pelo Lopo e daí atingido o Sapucaí...” e “...ido até ao Paracatu, afluente do S. Francisco”⁽⁴³⁾.

(38) “Chronologia dos acontecimentos mais notáveis da Província de São Paulo”, p. 224.

(39) “As bandeiras paulistas de 1601 a 1604”, pp. 400-401.

(40) Sousa, Washington Luís P. de — *Na Capitania de São Vicente*, pp. 245 e segs.

(41) *Meio Século de Bandeirismo*, pp. 5 e segs.

(42) Leite, Mário — *Paulistas e Mineiros...*, p. 143. Cf. Aureliano Leite — *São Francisco de Paula de Ouro Fino*, pp. 25-26: “...derivando de São Paulo, pelo Tietê abaixo saltou à margem direita e, após visitar os campos de Araraquara, subiu o rio Mogi-Guaçu até as proximidades, ou melhor, até o sopé do próprio futuro Ouro Fino...” (p. 25).

(43) Ellis Jr., Alfredo — *O Bandeirismo...*, p. 261. Trata-se de Lourenço Castanho Taques, o velho, cujo itinerário para Minas é motivo de controvérsias.

Jaques Félix, o moço “morador antigo de S. Paulo”, foi um dos primeiros exploradores do Vale do Paraíba no século XVII. Conforme escreveu Américo de Moura, entre 1607 e 1610, esteve dois anos consecutivos no sertão⁽⁴⁴⁾ e é possível que antes disso já tivesse adentrado o mencionado vale, considerando-se a alusão de Guisard Filho à expedição de 1604⁽⁴⁵⁾.

Em 1632, Jaques Félix chefiou a expedição que *reduziu* os índios “Jerominis” e Puris do Vale do Paraíba. Em 1636, o citado sertanista conquistou o “sertão de Taba-etê”, fundou um arraial onde se fixou com sua família, agregados e índios escravos e animais que trouxera. Em 1645 esse povoado pioneiro foi elevado à categoria de vila.

Logo depois de Taubaté seriam eretas em vilas Guaratinguetá e Jacareí, respectivamente, em 1651 e 1653. Também no litoral norte, região intimamente ligada às citadas vilas de “serra-acima”, foram elevadas à classe de vila as povoações de São Sebastião (1636) e Ubatuba (1637)⁽⁴⁶⁾.

O povoamento do interior dirigiu-se, inicialmente, do litoral vicentino para os “campos de Piratininga”, depois expandiu-se desse altiplano rumo L, para o alto curso do Tietê (Mogi das Cruzes) e, um pouco além, para NE, pelo Vale do Paraíba. Ainda do planalto de Piratininga a expansão tomou direção NO, seguindo pelo Vale do Anhembi, onde distante mais ou menos 6 léguas de S. Paulo, o bandeirante André Fernandes ergueu, “por volta de 1580”, a capela de Santa Ana do Parnaíba, elevada à categoria de vila em 1625, donde o povoamento se alastrou, em 1604 ou 1605, para o vale do Pirapetingui (afluente do Tietê) no lugar chamado Outu-guaçu, onde Domingos Fernandes, seus filhos e genro Custódio Dinis edificaram a capela de N. Sa. da Candelária (de Itu). Pouco tempo depois, a E de Itu, e a dez léguas ao N de S. Paulo, pelos anos de 1615, realizou-se o povoamento de Jundiá pelos pioneiros Rafael de Oliveira e a viúva Petronilha Rodrigues, naturais de S. Paulo, que edificaram a capela de N. Sa. do Desterro. Em 1654 o paulista Baltasar Fernandes e seus genros, André de Zunega e Bartolomeu de Zunega, emigraram, com suas famílias, de Santana do Parnaíba e foram estabelecer-se a 15 km do morro de Araçoiaba (Ipanema), onde ergueram a Capela de N. Sa. da Ponte, que deu origem à vila de Sorocaba, ereta em 1651.

(44) Moura, Américo B.A. de — “Os povoadores do campo de Piratininga”, p. 355.

(45) Guizard Filho, F. — *Jacques Félix*. . . , pp. 12-13.

(46) O porto de S. Sebastião começou a ser povoado em fins do século XVI ou início da centúria seguinte. Azevedo Marques referiu-se às sesmarias concedidas, em 1580, a Brás Cubas, Domingos Pires e José Adorno (*Apontamentos*, t. II, p. 247). J.G. Sant’Ana afirma que o povoamento principiou, em 1603, com Diogo Unhate e João de Abreu (*Genealogia Sebastianense*, I). Em Ubatuba, também o povoamento surgiu em torno de 1600, quando ali se estabeleceram “Jordão Homem Albernaz com família e aderentes” (Paulino de Almeida — “Tricentenário de Ubatuba”, in RAM, v. XL, Ano IV, S.P., out. de 1937, p. 68).

Convém lembrar que num arco distante até 50 km de São Paulo (nas direções O e N) existiam outras povoações como N. Sa. da Penha de Araçiguama, freguesia em 1653, onde morava o famoso Pe. Guilherme Pompeu de Almeida; a Capela de N. Sa. do Desterro do Juqueri, edificada em fins do século XVI ou início do século XVII, por Antonio de Sousa Delmundo e as povoações de São Roque e São João Batista de Atibaia, ambas fundadas na segunda metade do século XVII, respectivamente, por Pedro Vaz de Barros e Jerônimo de Camargo.

Assim, com essa expansão do povoamento, o território vicentino⁽⁴⁷⁾ que contava com apenas cinco vilas no século XVI (S. Vicente, 1532, Santos, 1545, São Paulo de Piratininga, 1558, Itanhaém, 1561 e Cananéia, 1600)⁽⁴⁸⁾, passou, no século seguinte, a ter mais quatorze novas vilas, afora as freguesias e povoados, estendendo-se o povoamento em todas as direções. No *Vale do Paraíba* e no *Litoral Norte* (intimamente ligado à região vale-paraibana): Taubaté (1645), Guaratinguetá (1651), Jacaréí (1653), São Sebastião (1636) e Ubatuba (1637); no *Vale do Tietê*: Sant'Ana de Mogi-Mirim (Mogi das Cruzes), em 1611, Santana do Parnaíba (1625), Jundiáí (1655), Itu (1657) e Sorocaba (1661); e no *Sul da Capitania*: Paranaguá (1648), S. Francisco do Sul, em 1660⁽⁴⁹⁾, Iguape, em 1665⁽⁵⁰⁾ e Curitiba, em 1693⁽⁵¹⁾.

b) O povoamento das Gerais

Do Vale do Paraíba do Sul, quase que exclusivamente de Taubaté, partiram numerosas bandeiras que devassaram e povoaram considerável parte do território das Gerais como, por exemplo, Passa-Quatro, Pouso Alto, Baependi, Campanha, Aiuruoca, Itajubá, São João d'el Rei, Antonio Dias, Rio Piracicaba, São José da Lagoa, Itutinga, Itaverava, Pitangui, Ouro Preto e Mariana. De outras regiões da capitania paulista, principalmente de São Paulo e Parnaíba, partiu a maioria das bandeiras que descobriram e conquistaram as terras mineiras, sulcando, em suas jornadas, trilhas onde surgiram os arraiais de Ibituruna (do rio das Mortes). Sumidouro, Tucumbira, Itacambira, Itamerindiba, Santana do Paraopeba (Costas), Belo Vale, Sabará, Esmeraldas, Caeté, Barbacena, Sítio, Betim, Curral d'el Rei

(47) A Capitania de S. Vicente (a partir de 1709, passou a chamar-se Capitania de S. Paulo) abrangia os territórios dos seguintes Estados brasileiros: S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

(48) São Vicente e Cananéia já possuíam povoadores muitos anos antes da expedição de Martim Afonso.

(49) A fundação de S. Francisco é anterior ao ano de 1642. Cf. Az. Marques — *Apont.*, p. 234.

(50) A primeira povoação de Iguape é anterior a 1537.

(51) As datas de emancipação política desses municípios foram obtidas em "Vilas e Cidades do Brasil Colonial", do Prof. Aroldo de Azevedo (separata do Boletim n.º 208, Geografia, n.º 11, USP, S.P., 1956).

(Belo Horizonte), Camanducaia, Lavras, Itumirim, Pouso Alegre, Ouro Fino, Itabira, Carrancas, Camargos, Pompeu, Alvinópolis (antes Paulo Moreira), Furquim, Paracatu, Itapecerica, Conquista, Araxá, Estrela do Sul, Uberaba, S. Pedro de Uberabinha, Araguari, Peçanha, Serro Frio, Diamantina, Minas Novas, Montes Claros, Francisco Sá, Grão-Mongol, etc.

IV — A “TRILHA DOS GUAIANÁS” DE QUINHENTOS E O “CAMINHO VELHO” SEISCENTISTA

Possivelmente, o primeiro caminho de penetração no Vale do Paraíba foi a *trilha dos Guaianás*, assim chamada porque os *Waigannas* (de Hans Staden, 1549/1552) ou os *Wianasses* (de Anthony Knivet, 1591/1597) que habitavam, na primeira metade do século XVI as encostas da Serra do Mar entre S. Sebastião e Angra dos Reis, utilizaram-se, como precursores, dessa picada em suas incursões no Vale do Paraíba ⁽⁵²⁾.

Assim surgiu o “caminho velho” que, através do atual território de Cunha, ligou o porto de Paraty a S. Paulo e às “Minas Gerais”.

A vereda da Vila de N. Sa. dos Remédios de Paraty bifurcava-se, na falda meridional da Serra do Mar, no lugar chamado *Encruzilhada*, para atingir, em pontos diferentes, a *estrada geral* — São Paulo-Minas. Um dos ramos dirigia-se para Taubaté e o outro galho da citada forquedura passava pelo território que pertenceu à Freguesia do Facão, vencia a Serra do Quebra Cangalha, procurando, diretamente, através de Guaratinguetá e do porto hepacareano (“Roças de Bento Rodrigues”), a garganta do Embaú, na Serra da Mantiqueira.

No Diário de viagem do futuro Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida Portugal, 3.º governador e capitão-general de S. Paulo e Minas, escrito em 1717, há a seguinte referência ao “caminho velho”:

“Sahimos com bom sucesso da bahia, e fomos jantar a villa de Paraty em caza do Capitão Lourenço Carvalho que (...) he muito rico e poderoso; porque se acha com trezentos negros, que lhe adquirem grande cabedal com a condução das cargas, em que continuamente andão pela serra assim, q. — vay a sahir a Villa de Guaratingueta; que por ser tão aspera não podem subir cavallos carregados, e lhes he preciso aos viandantes valer-se desse meyo para poder seguir a sua viagem, para as Minas” ⁽⁵³⁾.

(52) Reis, P.P. — *O Indígena...*, pp. 32-37.

(53) “Diario da Jornada que fes o Exmo. Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro athé a Cid.ª de São Paulo...”, p. 298. Conforme informações obtidas pelo A. deste trabalho (da Academia das Ciências de Lisboa), trata-se do Ms. azul 382, folheto n. 8, de 71 págs.

Foi por essa via terrestre-marítima percorrida pelo Conde de Assumar que se transportou, até por volta de 1710, o ouro da terra dos Cataguás que atravessava a Serra da Mantiqueira, na garganta do Embaú, atingia o porto de Guapacaré, em terras de Guaratinguetá, e depois descia a Serra do Mar em demanda de Paraty para ser embarcado para o Rio de Janeiro, conforme expus em meu livro *O CAMINHO NOVO DA PIEDADE*, editado em 1971 ⁽⁵⁴⁾. Antes do povoamento do vale do Paraíba em terras fluminenses e mineiras já existiam, no trecho paulista vale-paraibano, duas “casas de quintos de ouro”: uma em Taubaté, local de passagem forçada dos bandeirantes e outra em Guaratinguetá, última vila que se escalava antes de atravessar a garganta do Embaú.

A casa de fundição de Taubaté deve ter sido instalada por volta de 1701, porque a carta régia, de 15 de fevereiro de 1701, determinou o pagamento a Luís da Silva, “que vinha exercer o ofício de cunhador da casa de fundição de Taubaté...”, de “dez tostões por dia” ⁽⁵⁵⁾.

Até meados de 1703, Paraty não possuía nem registro de ouro, porque somente pela carta régia de 9 de maio de 1703 é que foram criados, nas Vilas de Paraty e de Santos, registros de ouro, mandando el-rei “nomear pessoas idôneas para esses empregos” ⁽⁵⁶⁾.

Pela carta régia de 7 de fevereiro de 1704 ⁽⁵⁷⁾, foi extinta a “casa de fundição” de Taubaté e, no mesmo ano, em 31 de agosto, o governador do Rio de Janeiro, D. Álvaro da Silveira Albuquerque, comunicava a Eugênio Preto de Matos, provedor dos quintos de Guaratinguetá, a resolução real de extinguir a oficina daquela vila e ordenava-lhe que entregasse todos os materiais, do citado estabelecimento, a Carlos Pedroso da Silveira, que fora nomeado provedor da casa de quintos de Paraty, cuja oficina deveria instalar com os materiais retirados das vilas vale-paraibanas ⁽⁵⁸⁾.

Pela instalação, por ordem régia, da “casa dos quintos” em Paraty se verifica a importância que as autoridades portuguesas davam àquele porto, como terminal terrestre do caminho de Minas Gerais para o Rio de Janeiro ⁽⁵⁹⁾. A “Carta” de “...D. R.^o de Castello-Branco (...) para Mendo de Foyos Pereira Secretário de Estado...”, documento que deve datar dos fins do século XVII ou início do século XVIII, assim se referiu à citada vereda:

(54) Vol. 10 da “Col. História”, Com. Est. de Literatura, Secr. Cultura S. Paulo.

(55) *AESP.*, *D.I.*, v. LIV, p. 90.

(56) *AESP.*, *D.I.*, v. LIV, p. 94.

(57) *AESP.*, *D.I.*, v. LIV, p. 95.

(58) *AESP.*, *D.I.*, v. LI, pp. 257-258.

(59) Reis, P.P. — *O Caminho Novo...*, p. 38.

“...Descuberto o ouro e publicada a fama delle subirão logo os moradores de São Paulo a tiralo p.lo mesmo caminho asima referido em o qual e peloo qual se descubrio. E logo tambem sucissiuam.te do Rio de Janeiro se fez caminho, q' se continua da cidade por terra e por mar com poucos dias de viagem athé o lugar de Paraty; e deste se entra ao matto e em sinco dias se chega a emcontrar com o referido de São Paulo nos dous caminhos em hu só se cojtinua com vinte dias de viagem ordinaria athe chegar as primeira minas chamadas do Ribeiro das Mortes. *Este era o unico q'auia p.a as minas de todas as povoações do Sul a saber de todos os distritos de São Paulo, e do Rio de Janeiro, som.te q. nellas se entrasse de todas aquelas partes por outro algum*” (60) (grifos da transcrição).

Sendo esse caminho “...único que havia para as minas...” freqüentado pelos viajantes de “...todas as povoações de São Paulo e do Rio de Janeiro...” a Vila de Paraty tornou-se importante

“...porto de mar, aonde acode a gente de todas aquelas Villas do Certão como são a de Guaratingitã, a de Pendã, Munhangãba, Thaubathè, & Jacarehy. Todas estas Villas da serra asima descem ao porto daquella Villa a buscar o necessario, como he o sal, o azeyte, & vinho, & tudo o, mais. Aqui descem varios moradores das Minas do ouro com elle a fazer negocio, & por aqui sobem muytos dos que vão do Rio de Janeiro para as mesmas Minas” (61).

De fato, a aludida vereda pelo Vale do Paraíba, descrita por Antonil em seu “Roteiro do caminho da vila de S. Paulo para as Minas Gerais e para o Rio das Velhas” (62), era a via mais batida. Essa senda, partindo de S. Paulo, seguia pelo Vale do Tietê, passava por Guarulhos (63) e Mogi das Cruzes (64) para atingir na encosta setentrional do Serrote do Itapeti, o sinuoso Rib. Guararema e o Vale do Paraíba, passando por Jacaréí, Taubaté, Guaratinguetá e, doze quilômetros adiante, o seu porto de Guapacaré (“Roças de Bento Rodrigues Caldeira”), onde se cruzava para a margem esquerda do Paraíba e se reencetava, no lugar chamado Campinho,

(60) “Documento anônimo cujo original pertence à Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, de onde o fez copiar Luiz Camilo de Oliveira Neto”. Transcrição de *Notícias Históricas do Tricentenário de Parati*, publ. n. 22 da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, M.E.C., Rio, p. 5.

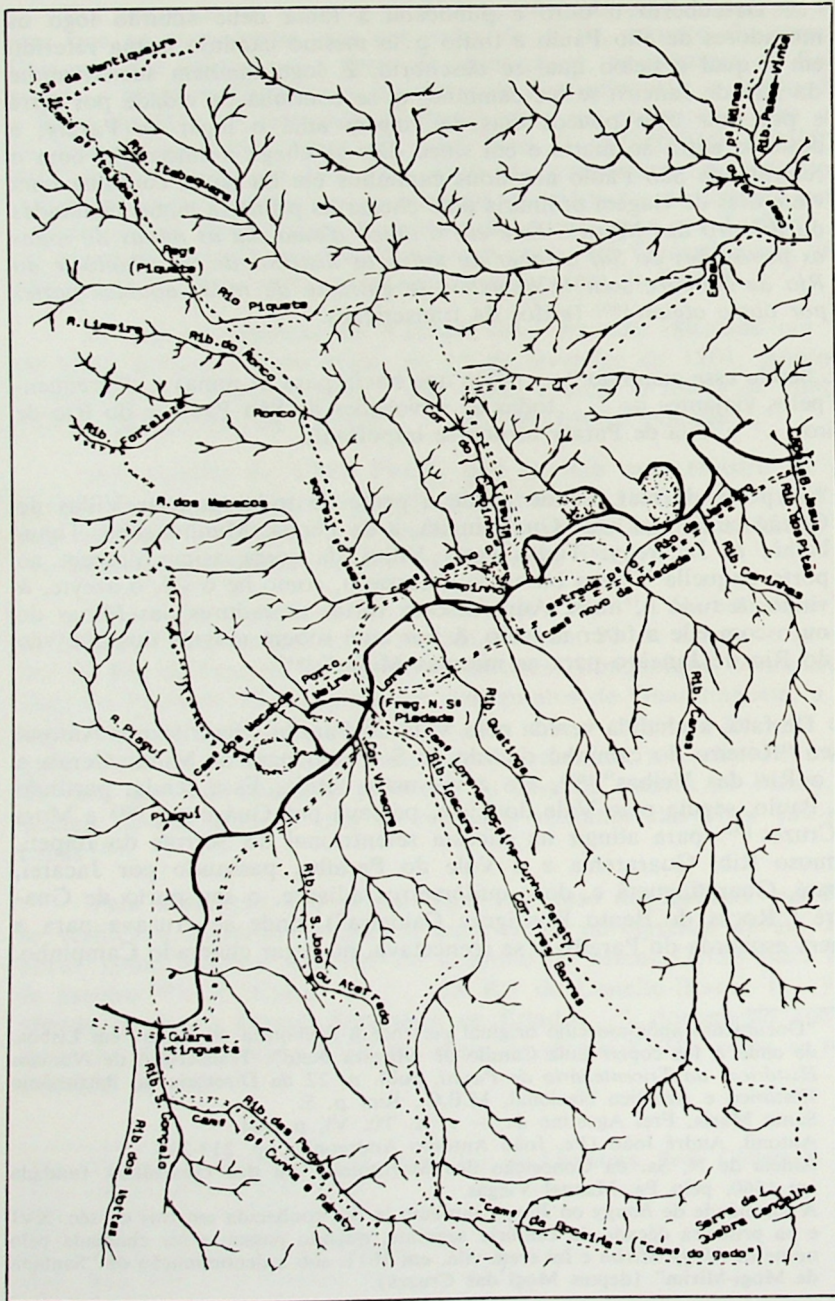
(61) Santa Maria, Frei Agostino de — v. X, Tit. VI, p. 104.

(62) Antonil, André João (Pe. João Antonio Andreoni), pp. 213-217.

(63) Aldeia de N. Sa. da Conceição dos Maromimis, ou dos Guarulhos, fundada em 1560, pelo Pe. Manuel Viegas.

(64) A localidade de *Bougy* ou *Boygy* também já era conhecida em fins do séc. XVI e na primeira década da centúria seguinte, quando passou a ser chamada pelo nome de *Mogy Mirim* e foi ereta vila, em 1611, sob a denominação de “Santana de Mogi-Mirim” (depos Mogi das Cruzes).

CAMINHOS QUE PARTIAM, NO SÉCULO XVIII,
DAS VILAS DE GUARATINGUETÁ E DE LORENA



O croqui assinala, na margem esquerda do Paraíba, 1) o "caminho velho para Minas", através do Embau; 2) o caminho do Cap. Lázaro Fernandes (da Freg. da Piedade para Itajubá); 3) o "caminho dos Macacos"; na margem direita do Paraíba, os trechos iniciais dos caminhos: 1) para Paraty; 2) para o Rio de Janeiro ("caminho novo da Piedade"); 3) "da Bocaína" ou "do gado"; 4) de Lorena para Cunha e Paraty. (PPR).

a jornada para a Serra do Jaguamimbaba, pelo Vale do Passa Vinte, em demanda da bocaina do Embaú e do Vale do Rio Verde.

V — O “CAMINHO VELHO” DE S. PAULO PARA MINAS: OUTRAS ALTERNATIVAS VALE-PARAIBANAS

Além do *caminho geral* de S. Paulo “para as Minas”, que passava pela garganta do Embaú, já freqüentado desde o século XVII, surgiram outros como a vereda aberta em 1703, por Gaspar Vaz Cunha ⁽⁶⁵⁾ (o Jaguara, por antonomásia), que, partindo de Pindamonhangaba, subia pelas margens do Rio Piracuama, cruzava a Mantiqueira pela garganta do mesmo nome para alcançar o vale do Rio Sapucaí e o “Descoberto de Itagyba” ou, seguia para o N, procurando atingir, mais adiante, as margens do rio das Mortes, nas proximidades de Ibituruna ou de S. João d’el Rei.

Em 1741 ou 1744/1745 ⁽⁶⁶⁾ o Capitão Lázaro Fernandes, morador da Freguesia de N. Sa. da Piedade, abriu a senda que ligou a futura Vila de Lorena às “Minas de Itagyba”, descobertas, em 1703, pelo taubateano Miguel Garcia Velho, fundador do arraial de N. Sa. da Soledade de Itajubá ⁽⁶⁷⁾.

Do bairro do Meira, fronteiro à povoação da Piedade, partia a estrada para Minas Gerais que subia pelo vale do Rio Ronco até onde esse curso d’água recebe as águas do Ribeiro Fortaleza. Daí prosseguia, rumo NO, para chegar ao alto curso do Rio Piquete e, em seguida, escalar, entre os cursos do Córrego da Tabuleta e Ribeiro Itabaquara, as encostas meridionais da Mantiqueira para alcançar, além de suas cumeadas, Itajubá e o vale do Sapucaí.

Além dessas vias de penetração citadas, Capistrano de Abreu assinalou, também na região vale-paraibana, três outras passagens através da “Amantiquira”: “. . . as gargantas do rio do Peixe e do rio das Cobras, afluentes do Paraíba, . . . fronteiras a Jacareí; (e) o vale do Piaguí, em Guaratinguetá. . .” ⁽⁶⁸⁾.

Quanto a Guaratinguetá, o caminho que subia o curso do Piaguí não foi muito freqüentado, no período colonial, por causa do monopólio da passagem do “porto de Guapacaré” (depois, do “porto do Meira”) no seu

(65) *AESP.*, D.I., v. XI, pp. 496 e 499.

(66) Segundo G. Campista (“Itajubá — 1703-1832. . .”, p. 452) a citada vereda foi aberta em 1741. No entanto, os “Autos Divisórios de Campos do Jordão. . . fazem menção aos anos de . . . 1744 ou 1745 (*Ms.* da Div. Museu e Arquivos de Taubaté, Cx. 14).

(67) Reis, P.P. — *Reminiscências Piquetenses — 1926-1930*, pp. 19-20.

(68) *Caminhos antigos. . .*, p. 35.

distrito. Após a abertura da “estrada para Itajubá” os guaratinguetaenses tiveram, como opção, essa nova via que era facilmente alcançada partindo-se do bairro do Piaguí para se atingir o baixo curso do Ribeirão dos Macacos (“caminho dos Macacos”) e, logo adiante, nas margens do Ronco, a senda que seguia da Piedade para a “Serra de Itajubá”.

Porém, em 1698, o paulista Garcia Rodrigues Pais começou a abertura de outra via que permitiria o acesso direto do Rio às “minas”. Assim surgiu, no início do século XVIII, o chamado “caminho novo de Garcia Rodrigues”, que se tornaria, gradativamente, num importante concorrente da senda de Paraty, então designada, pela sua anterioridade, como “caminho velho” para Minas. De fato, a estrada construída por Garcia Rodrigues e seu cunhado Manuel Borba Gato iria constituir-se fator adverso à prosperidade das povoações que mantinham comércio com as Gerais e vendiam suas produções agrícolas aos viajantes que se detinham nos pousos, ranchos e vendas instalados ao longo do caminho São Paulo-Guaratinguetá, no Vale do Paraíba. Por essa razão, essa obra foi considerada como sendo *anti-paulística* por Capistrano de Abreu⁽⁶⁹⁾.

Essa foi, também, a conclusão da Prof.^a Mafalda Zemella que, referindo-se a essa estrada, escreveu: “O caminho novo realizou um verdadeiro fenômeno de captura econômica, roubando aos caminhos paulistas e aos baianos os lucros auferidos pelo comércio com o pujantíssimo ‘hinterland’ mineiro”⁽⁷⁰⁾.

VI — CAMINHOS DE TAUBATÉ PARA O LITORAL

a) *Caminho indígena de Taubaté a Ubatuba*

Enquanto durou o domínio dos Tupinambás sobre as terras da orla marítima, os Guarumimis (ou Guarulhos, Marumimis, “Jeromimis”, etc.) habitavam as vertentes da Serra Geral e o Vale do Paraíba. Após a expulsão dos Tupinambás do litoral, esses índios deslocaram-se para beira-mar, erguendo os seus aldeamentos em terras de Angra dos Reis, Paraty e circunvizinhanças (inclusive Ubatuba), onde foram encontrados por Knivet que os chamou de ‘Wianasses’ (ou Guaianases).

Couto de Magalhães, em sua obra “Sétima Conferência para o Tricentenário de Anchieta”, confirmou essas localizações ao afirmar que os “...Goianá ou Guayaná habitavam Ocarauçu (cabo perto de Paraty) ou

(69) *Caminhos Antigos*... p. 82.

(70) Zemella, M.P., pp. 128-129.

Angra dos Reis...” (71), sem todavia terem deixado, inteiramente, as terras mediterrâneas do vale do Paraíba, onde seriam *reduzidos*, no início do segundo quartel do século XVII, por Jaques Félix, fundador de Taubaté (72).

A tentativa de reproduzir, com certa fidelidade, a senda indígena que ligava a “Taba-etê” às praias de “Uba-tyba” é muito difícil por falta de dados precisos, mas valendo-se, principalmente, de algumas informações de Guisard Filho (73), foi possível gizar, sem se escoimar certas dúvidas, o itinerário dos citados silvícolas em suas descidas de Taubaté para Ubatuba: iniciavam a jornada na direção N-S, ladeando o Morro do Cataguá, subiam, pelas margens, o alto curso do Rio Itaim para, em seguida, prosseguirem a caminhada passando por Baracéia e Samambaia; depois cruzavam o baixo curso do Rio dos Venâncios, onde o rumo infletia para SE, atravessando, nos sítios em que achavam vaus, os rios Paraitinga, Peixe e Paraíba. Da margem esquerda do último curso d’água, os viajores, continuando a marcha, orientavam seus passos para as faldas do Pico do Corcovado, para o Córrego Ipiranga, afluente do Ribeirão Grande e, finalmente, chegavam ao histórico porto do litoral paulista. Mais tarde, na primeira metade do século XIX, seria reativado o trecho inicial dessa velha trilha que se articulava com a variante que subia da praia de Massaguaçu para o Bairro Alto, na margem esquerda do Paraíba. Esse itinerário proporcionou aos taubateanos e seus vizinhos vale-paraibanos uma opção nos embarques de café, que passaram a ser feitos, preferentemente, pelo porto de Caraguatatuba, onde era “. . . menor a despesa de transporte do que pelo porto de Uberaba o que é devido a encontrarem as tropas maior pastagem e abundância de milho. . .” (74).

Em suma, o carreiro indígena para o litoral foi preterido, ainda no século XVIII, quando se destacou a vereda que passava por S. Luís; sendo, depois, novamente utilizado para fazer conexão com o atalho do Bairro do Alto.

b) *Os caminhos de Taubaté para o litoral, via S. Luís*

1. *O Caminho para Ubatuba*

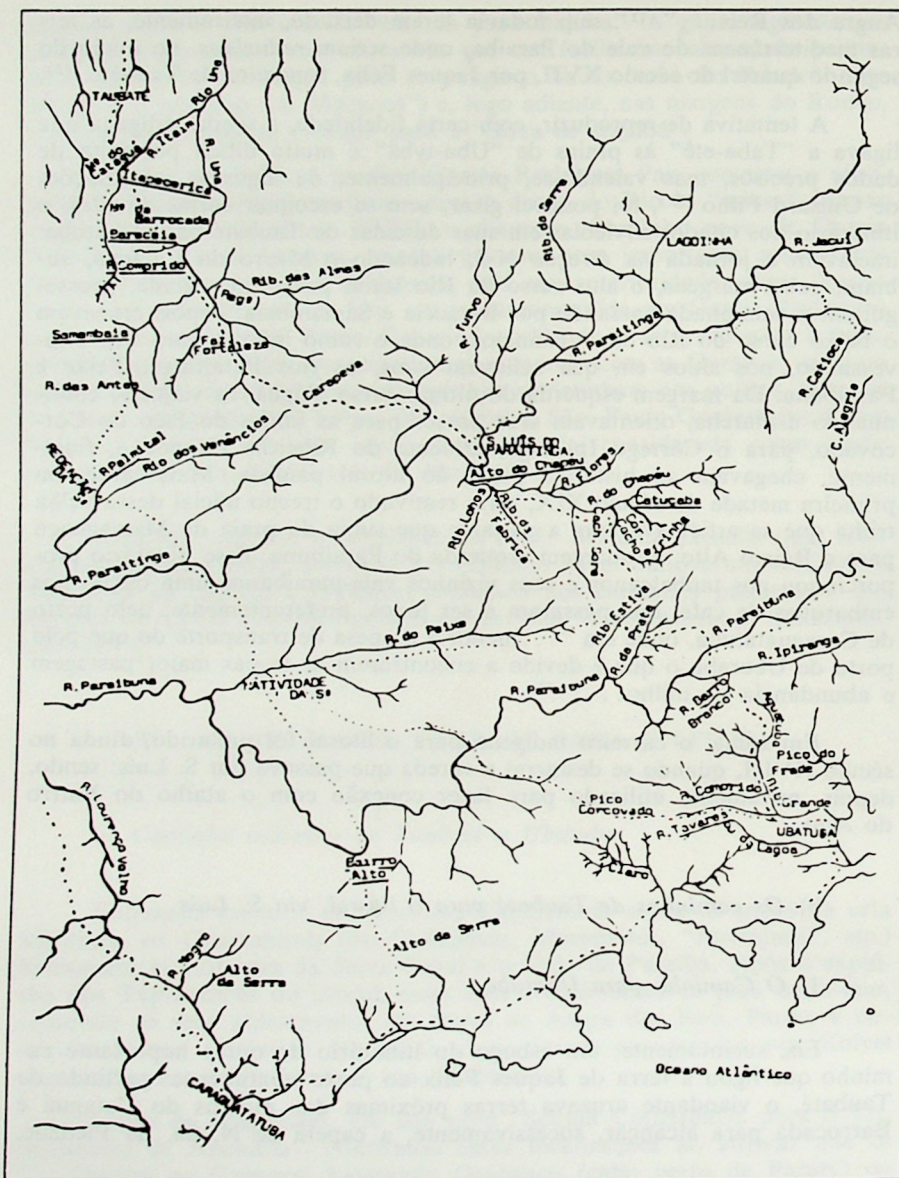
Eis, sucintamente, um esboço do itinerário de outro importante caminho que ligou a terra de Jaques Félix ao porto ubatubense: partindo de Taubaté, o viandante cruzava terras próximas dos morros do Cataguá e Barrocada para alcançar, sucessivamente, a capela de N. Sa. da Piedade,

(71) Magalhães, J.V. Couto, p. 7. Ver também Reis — *O Indígena* . . . , pp. 27-37.

(72) Leme, P.T.A.P. — *Hist. da Cap. S. Vicente*, p. 150.

(73) Guisard Filho, F. — *Ubatuba*, pp. 19-20.

(74) Guisard Filho, F. — *Taubaté — Papéis expedidos pela Câmara* . . . , p. 17.



CAMINHOS DE TAUBATÉ PARA UBATUBA
 (organizado e desenhado por PPR)

Carapeva e S. Luís, nas margens do Paraitinga. Ultrapassado esse curso d'água, a viagem prosseguia, mais ou menos no sentido O-E, para o Alto do Chapéu e, em seguida, acompanhava o baixo curso do rio do mesmo nome até a cachoeira do Soré, local onde o rumo tomava a direção SE, margeando, parcialmente, o Córrego Cachoeirinha, atravessando os ribeiros Estiva, da Prata e os rios Paraibuna e Ipiranga para, adiante, vadear o Rib. Barro Branco e acompanhar o fluxo do Rio Grande, desde as suas cabeceiras (onde se encontra o Cór. Aguatuba, seu tributário), até a sua foz na baía de Ubatuba ⁽⁷⁵⁾.

Ainda que de modo breve, convém lembrar que o caminho de Ubatuba para o vale do Paraíba foi, pelos indícios existentes, uma velha trilha de aborígenes: primeiro dos Tamoios ⁽⁷⁶⁾ que dominaram as praias ubatubenses e faziam incursões no interior e, depois, dos Maromimis, seus sucessores na faixa de terras litorâneas que abrangia Ubatuba. Dr. Félix Guisard Filho, conceituado historiador vale-paraibano, considerou essa estrada posterior à trilha que demandava a Ubatuba, através do atual município de Redenção da Serra: "O caminho que atualmente passa por São Luís do Paraitinga só mais tarde foi aberto, isto é, depois de 1686, quando as sesmarias pedidas por Mateus Vieira da Cunha e João Sobrinho de Morais foram concedidas ao (pelo) Capitão-Mor de Taubaté..." ⁽⁷⁷⁾.

Essa assertiva nos leva a supor que a citada vereda foi uma decorrência do povoamento dos "Sertões do Paraitinga", iniciado com as concessões, em 5 de março de 1688 (pelo Capitão-mor de Taubaté Filipe Carneiro Alcaçouva e Sousa), das primeiras sesmarias que beneficiaram o Capitão Mateus Vieira da Cunha e João Sobrinho de Morais ⁽⁷⁸⁾, povoadores daquela região serrana situada às margens do rio Paraitinga, a média distância de Taubaté e Ubatuba.

Em face desse induzimento convém observar que, apesar do possível estabelecimento, em 1688, dos citados povoadores nos "Sertões do Paraitinga", somente em 7 de maio de 1769 (oitenta e um anos depois) seria incentivado, pelo bando do Capitão-general Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão (Morgado de Mateus), o povoamento da "...Paragem ao pé do R.º Paraitinga, entre a V.ª de Taubaté, e de Ubatuba. Em d.º dia foi outro bando (...) para se allistarem 50 cazaes perante o Juiz de medições de Guaratinguetá, Manoel Antonio de Carv.º ... que foi nomeado, no dia seguinte, 8 de maio de 1769, ... "Povoador e Fundador" da nova povoa-

(75) Carlos Borges Schmidt informou que por esse caminho transitaram "...por volta de 1865, anualmente, 80.000 animais transportando mais de 1.000.000 de arrobas de café, produzido no sul de Minas e no Vale do Paraíba..." (p. 14).

(76) Reis, P.P. — *O Indígena*..., pp. 52-53.

(77) *Ubatuba*, p. 20. Provavelmente houve erro na impressão da data: deve ser 1688 em vez de 1686.

(78) Azevedo Marques — *Apontamentos*..., t. II, p. 140 e Aguiar, Mário, p. 7.

ção” (79) que tomou o nome de S. Luís, sob a invocação de “N. Sa. dos Prazeres, padroeira da Casa dos Mateus” (80).

No entanto, na primeira metade do século XVIII, quando era ainda incipiente a ocupação dessa área (de Taubaté a S. Luís) pelos sesmeiros, o povoamento no sentido Facão (Cunha)-S. Luís já era apreciável como se demonstrará no título seguinte.

2. O caminho de Paraty a Taubaté

Quando me referi à “Trilha dos Guaianás” mencionei a bifurcação do “caminho velho”, no lugar chamado *Encruzilhada*, onde um de seus ramos dirigia-se para Taubaté. Era, possivelmente, a veréia mais antiga e foi descrita por Antonil quando fez alusão ao itinerário do Governador Artur de Sá na viagem que realizou, por volta de 1699, do Rio de Janeiro para as Gerais:

“Partindo aos 23 de agosto da cidade do Rio de Janeiro foram a Paraty, de Paraty a Taubaté, de Taubaté a Pindamonhangaba, de Pindamonhangaba a Guaratinguetá, de Guaratinguetá às roças de Bento Rodrigues, destas as roças do Ribeirão. E do Ribeirão (...) chegavam ao Rio das Velhas...” (81).

Frei Agostinho de Santa Maria, em obra publicada em 1723, também mencionou essa senda ao escrever: “. . . são aquelles caminhos muyto asperos, & de serras muy alcantiladas, & levantadas, & caminhando para Thaubaté se gasta hum dia inteyro em subir a sua serra, por muyto alta, & dilatada” (82).

Quanto a essa variante, que possuía seu início e termo na *Eucruzilhada*, não se pode deixar de admitir, como hipótese acerca de sua origem, que tenha sido derivada dum antigo carreiro indígena, porque as aldeias dos Maromimis ou Guarumimis demoravam nas praias fluminenses da baía da Ilha Grande e em alguns pontos do Vale do Paraíba, principalmente Taubaté, onde esses aborígenes foram denominados “Jeromimis” ou “Geromimis” (83); circunstâncias étnicas e culturais que favoreciam os contatos entre gentios da mesma grei.

As sesmarias a seguir referidas, outorgadas aos moradores do caminho de Paraty para Taubaté corroboram os testemunhos de Antonil e Frei Agostinho: “. . . o sargento-mor Manuel Pinto Barbosa, e seu genro Francisco Cordeiro de Castilho, moradores na villa de S. Francisco das Chagas

(79) *AESP.*, D.I., v. LXV, pp. 251-252.

(80) *AESP.*, D.I., v. 92, p. 48.

(81) Antonil, André João — *Cultura e Oportunidade* . . . , pp. 217-218.

(82) *Santuário Mariano* . . . , p. 104.

(83) Reis, P.P. — *O Indígena* . . . , pp. 36-37.

de Taubaté...” receberam, em 29 de novembro de 1724, uma sesmaria “... na estrada geral que vae da villa de Taubaté, para a de Paraty, servindo-lhe de pão a *Encruzilhada*...” (84). “... André Marinho de Moura morador no Limite do facão termo da Villa de Guaratinguetá...” pediu e obteve, em 22 de julho de 1725, “... hua sorte de terras q. teria hua legoa pouco mais, ou menos, no certão, no mesmo andar das suas primeiras, pesuidas, correndo athe a *passagem do Parahithinga do caminho q. vay pa. Taubaté*...” (85).

Rodrigo César de Menezes, capitão-general de S. Paulo, concedeu em 27 de agosto de 1725, “... por carta de data de Sesmaria” ao “... *Cappm. Franco de Barros Abreu morador no tro. da Villa de Nossa Sra. dos Remedios de Paraty desta Cappnia* (...) legoa e meia de terra em quadra em a paragem q, chamão *Aparição na estrada q. vay da Villa de Paraty, pa. a de Taubaté*, começando do Morro da Boa Vista do Campo, correndo pa. a Itaóca ficando em meio da dita data de terras o Ribeirão da parição...” (86).

Em 27 de janeiro de 1728, o governador da Capitania de S. Paulo deu a “... *Antonio da Costa Chaves* morador na villa de Taubaté...” “uma sesmaria”... na *paragem chamada Tucurusá* de onde acabam as terras da Camara da villa de Taubaté (...) começando sua demarcação aonde *acabam umas terras que a Camara da dita villa* possui no caminho, ou picada *que vae sahir na encruzilhada de Paraty*...” (87).

Em 2 de outubro de 1736, o capitão-general Antonio Luís de Távora, governador de São Paulo concedeu a “... Amaro de Tolledo Cortez morador de Villa de Taubaté...” terras na “... *paragem chamada Parahithinga da parte do caminho que vay para a villa de Parathy* (...) comessando da *barra do Ribeyrão chamado Hitany, pello rio da Parahithinga abaixo*...” (88).

As transcrições desses tópicos de “cartas de datas de sesmarias” foram feitas apenas com o objetivo de exemplificar, portanto, sem se ter a intenção de tratar exaustivamente do assunto.

Para que se tenha uma noção resumida daquilo que foi exposto, fiz o seguinte esboço da primitiva canada que ligava as praias paratienses às veigas vale-paraibanas de Taubaté: quem viesse de Paraty galgava a Serra do Mar e tomava rumo NO acompanhando, pela margem esquerda, o Rio

(84) *AESP., Sesmarias*, v. II, pp. 249-252.

(85) *AESP., Sesmarias*, v. III, pp. 60-63.

(86) *Idem*, *ibidem*, pp. 63-66.

(87) *AESP., Sesmarias*, v. II, pp. 338-341. Itacuruçá situava-se na estrada de Paraty para Taubaté, um pouco além da *Encruzilhada*.

(88) *AESP., Sesmarias*, v. III, pp. 400-403. O citado “Ribeyrão (...) Hitany...” deve ser o Rio Itaim, afluente da margem direita do Paraitinga, que desagua abaixo do Rio Jacuí entre as atuais localidades denominadas de Barro Vermelho e Catioquina.

Taboão e, em seguida, o curso do Ribeiro da Aparição que, em certo ponto, era cruzado para que pudesse o viajero dirigir-se ao sopé do morro da Boa Vista e, mais adiante, alcançar o Córrego da Encruzilhada. Nesse local, quem se destinasse a Taubaté, dobrava a direita, isto é, na direção de O, caminhando pela margem esquerda do Córrego da Encruzilhada até Itacuruçá, lugar situado nas proximidades da desembocadura do mencionado ribeiro no Rio Jacuizinho. De Itacuruçá continuava a caminhada na direção do Rio Paraitinga, onde se reencetava a viagem para Taubaté fazendo escala em S. Luís.

VII — OUTROS CAMINHOS

a) *Caminhos do alto curso do Paraíba para o litoral*

O mapa de Montezinho, de 1791-1792⁽⁸⁹⁾, assinalou o caminho direto (cortando o atual município de Santa Branca) de Jacareí a S. Sebastião, que deve ter sido a mais antiga via que ligou o alto Paraíba ao litoral. Posteriormente, foi aberta outra estrada que comunicou S. José do Paraíba (S. José dos Campos), através de Paraibuna, a Caraguatatuba. Depois surgiram a variante de Santa Branca que se entroncava com a vereda S. José em Paraibuna e, também, o atalho que, partindo de Caçapava (além da Serra do Jambeiro e antes de Paraibuna), convergia para o caminho são-joseense.

b) *Caminhos de S. Sebastião para o interior*

Numerosos caminhos foram abertos nos séculos XVIII e XIX, ligando o porto de S. Sebastião com o interior. J.G. Sant'Ana ensina que a primeira estrada de São Sebastião a S. Luís do Paraitinga foi aberta em 1785, graças aos "... esforços do capitão-mor de São Sebastião, Manuel Lopes da Ressurreição"⁽⁹⁰⁾. "... e outros e passava então para Pirassununga, sendo depois encabeçada por Caraguatatuba e desprezada a do Pirassununga"⁽⁹¹⁾.

Em 1832, o padre sebastianense Manuel de Faria Dória abriu um caminho ("estrada do Dória") ligando a sua terra natal a S. José do Parai-

(89) "Mapa Corographico da Capitania de S. Paulo (...) levantou o Ajudante de Engenheiro Antonio Roiz Montezinho".

(90) Sant'Ana, João Gabriel, p. 169; também Azevedo Marques — *Apointamentos...*, t. II, p. 249.

(91) Sant'Ana, J.G. — ob. cit., p. 396.

tinga (Salesópolis) ⁽⁹²⁾. Essa veréia ficou com sua construção paralisada em 1837, quando ocorreu a morte do citado religioso ⁽⁹³⁾. Depois de concluída, a referida azinhaga acabou sendo interdita por razões fiscais e novamente aberta a partir de 1877 ⁽⁹⁴⁾. Mas esse trâmite acabou sendo praticamente desativado, porque os viajantes preferiam a "... subida de Caraguatatuba, rumo a S. José dos Campos, passando por Paraibuna" ⁽⁹⁵⁾.

c) *Caminho de Caraguatatuba para Natividade da Serra*

Da praia caraguatatubense de Massaguaçu subia-se a Serra do Mar para descer na margem esquerda do Paraibuna, no lugar chamado Bairro Alto, donde se prosseguia, rumo NO, para se atingir, no baixo curso do Rio do Peixe, Natividade (da Serra) e mais para a frente, além do Paraitinga, Redenção da Serra. De Redenção o viajor podia continuar a jornada no sentido N, diretamente para Taubaté, ou, então, infletir para NE até alcançar a estrada que liga a terra de Jaques Félix a S. Luís do Paraitinga.

d) *Caminhos de Natividade para o litoral*

De Natividade da Serra podia o viandante também se dirigir, pela região serrana, para Ubatuba. Nessa hipótese, seguia para L, acompanhando o curso ascendente do Rio do Peixe até encontrar, na altura do Rio da Prata (afluente do Paraibuna), a estrada Ubatuba-S. Luís. Ainda como alternativa, podia o caminheiro dirigir-se para o Sertão das Palmeiras e prosseguir pelas margens do Paraibuna para alcançar a referida estrada ubatubense num ponto abaixo do Rio da Prata.

e) *Caminho direto de Ubatuba para Cunha*

Ubatuba possuía uma senda que lhe permitia comunicar-se diretamente, com a Freguesia do Facão, conforme comprova a "Carta Chorographica da Capitania de S. Paulo (1793)" ⁽⁹⁶⁾. Nesse mapa está tracejado um caminho que, partindo de Ubatuba, atinge a margem esquerda do Paraibuna e prossegue acompanhando o curso desse rio ⁽⁹⁷⁾ até entronquecer com o caminho de Paraty.

(92) Azevedo Marques — *Apontamentos...*, t. II, p. 248.

(93) Sant'Ana, J.G., p. 168.

(94) Schmidt, C. Borges, p. 13.

(95) Idem, *ibidem*.

(96) De autoria de João da Costa Ferreira.

(97) Possivelmente continuando rio acima pelo rio Aparição, seu tributário.

f) *Outros caminhos cunhenses*

Além do “caminho velho” (a “trilha dos *Guaianás*”) havia veredas que partiam da vila de Campos Novos de Cunha diretamente para o litoral fluminense. Carlos B. Schmidt mencionou “. . .outra descida (. . .) na altura de Águas de Santa Rosa, e transpondo o espigão da Serra do Mar vai sair no Taquari. . .” (98).

Esse caminho deveria seguir (no sentido O-E) pelas margens do Rio Funil (99), durante o seu médio curso e, em seguida, tomar rumo N-S para acompanhar o Rio Taquari desde as suas nascentes até a sua foz no mar. A “Folha de Lorena”, elaborada pela Comissão Geográfica e Geológica (100), também registrou outra senda que se iniciava em Campos Novos de Cunha, passava por Marmeleiros, Boa Vista, Pinheiros, Guabirobas e Cedrinhos para atingir as cabeceiras do Rib. Guaripu, donde se devia descer, pelas margens desse curso d’água (101) até sua foz no Mambucaba e continuar por esse rio até sua desembocadura, junto ao porto marítimo do mesmo nome.

VIII — CAMINHOS ABERTOS NA EXTREMIDADE ORIENTAL DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

a) *O “caminho da Piedade” (102) e a “trilha da Bocaina” no NE da Capitania de S. Paulo*

A “estrada de Garcia Rodrigues” solucionava o problema do transporte do ouro mineiro que passou a ser enviado, diretamente, por terra, para a casa de fundição do Rio de Janeiro; mas, o das “minas velhas” (da “Capitania de S. Paulo e das minas de sua repartição”) continuava a descer a Serra do Mar pela antiga “trilha dos *Guaianás*”, para ser transportado, via marítima, para o Rio de Janeiro. Daí a preocupação das autoridades portuguesas em obter uma estrada que ligasse a Capitania de S. Paulo ao Rio, sempre por terra, pelo vale do Paraíba, evitando-se o perigoso litoral freqüentado pelos corsários.

Além dessa razão principal, outras podem ser alinhadas como uma série de proibições reais às estradas e caminhos que se comunicassem com

(98) Artigo cit., p. 14.

(99) Folhas Topográficas da *Com. Geográfica e Geológica do Est. S. Paulo*.

(100) Idem, *ibidem*.

(101) O Rib. Guaripu é um afluente da margem direita do Rio Mambucaba.

(102) A história dessa estrada foi objeto do livro de minha autoria *O Caminho Novo da Piedade no Nordeste da Capitania de São Paulo*, cit.

as zonas auríferas mineiras que provocaram, em 1715, as representações das Câmaras de Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Paraty "...sobre o prejuízo que lhes acarretava das suas estradas para Minas..." (103).

Em 1721, Rodrigo César de Menezes tomou posse do governo da Capitania de São Paulo e, na mesma época, também assumia a direção da capitania mineira (desmembrada da de São Paulo em 1720), o seu primeiro capitão-general, D. Lourenço de Almeida.

Em 1718, o sorocabano Pascoal Moreira Cabral havia feito a promissora descoberta de ouro em Cuiabá, fato que provocou a cupidez de D. Lourenço de Almeida que planejou abrir uma estrada de Pitangui a Cuiabá, passando por território de jurisdição de S. Paulo.

Tendo, em 1725, o segundo Anhangüera chegado a S. Paulo com a notícia de achados áuricos em Goiás, representou, novamente, D. Lourenço de Almeida ao rei pedindo ordem para fazer um caminho que ligasse as Gerais às minas goianas e cuiabanas, vereda que, segundo o proponente, deveria articular-se com o "caminho de Garcia Radrigues".

No intuito de defender as minas sob sua jurisdição das pretensões de Lourenço de Almeida resolveu Rodrigo César abrir um caminho da Freguesia de N. Sa. da Piedade (termo da Vila de Guaratinguetá) a "Fazenda Santa Cruz dos Padres do Colégio do Rio de Janeiro". A citada Freguesia estava assente junto ao "porto de Guapacaré", no sítio onde existiram as "roças de Bento Rodrigues" (cit. por Antonil) e era o último núcleo de povoamento da Capitania de S. Paulo na região vale-paraibana. O "caminho novo da Piedade" foi aberto na margem direita do Paraíba tomando, no princípio, rumo NE (até às proximidades do futuro "porto de Cachoeira"), depois o seu traçado dirigia-se para L cruzando o Rio Bocaina e os ribeiros Sapé e Ventura, onde a vereda obliquava para NE dirigindo-se para o baixo curso do Rio Vermelho (afluente do Paraíba); nesse local a senda tomava, a grosso modo, o sentido O-E para ultrapassar, além do Rio Antinhas ou Carioca, os limites da capitania paulista e atingir, um pouco além, S. João Marcos.

Coube a construção da estrada ao capitão-mor de Guaratinguetá, Domingos Antunes Fialho, Antonio Ribeiro de Matos e outros sócios que apresentaram, em 23 de abril de 1726, um relatório a Rodrigo César sobre a exploração que "...fizeram de Mangaratiba a Pirai (...) procurando o melhor caminho para uma estrada real" (104).

Pelo levantamento dos terrenos a que se refere o relatório depreende-se que havia um interesse local em estabelecer uma vereda em terras não muito distantes do litoral, apesar de os trabalhos ficarem concentrados

(103) *AESP.*, D.I., v. XLIV, pp. 187-188.

(104) *Ms.*, *AESP.*, O. 232, M. 6, P. 1, D. 24.

no “caminho novo” localizado no fundo do Vale do Paraíba, por onde os piedadenses faziam incursões, rio abaixo, desde as primeiras décadas do séc. XVIII. Mas, de fato, o “caminho da Bocaina” (que seria posteriormente denominado de “caminho do gado” ou “das boiadas”) foi, na primeira metade do séc. XVII, a trilha preferida dos guaratinguetenses em suas penetrações por terras orientais. O “caminho do gado” iniciava-se na Vila de Guaratinguetá e infletia para SE até atingir terras próximas à margem direita do Rio Paraitinga; daí prosseguindo rumo L, acompanhando o álveo do citado rio, para cruzar o Rib. Carimbamba, os baixos cursos do Taboão, Entrecosto e do Rio dos Macacos, atingir os “Campos da Bocaina”, atravessar o alto Paraitinga e continuar, com ligeira inclinação para o N, pela Serra da Bocaina em busca de terras banhadas pelas nascentes do Rio do Braço (afluente do Rio Piraí) e entroncar-se, mais adiante, com o “caminho novo da Piedade”, em terras lindeiras fluminenses.

Todavia, a projetada estrada de Rodrigo César, evitando o “caminho do mar”, provocou reações desfavoráveis nos moradores das vilas de Angra dos Reis e de Paraty, apoiadas por Luís Vaia Monteiro, governador da Capitania do Rio de Janeiro, que determinou a prisão dos construtores da estrada que entrassem em terras fluminenses. Em face dessa determinação do autoritário “Onça”, o rei de Portugal expediu a provisão de 14-10-1725, dirigida a Vaia Monteiro, nos seguintes termos: “. . . Me parece ordenar-vos concorraes com tudo o q’ puderdes p.^a que se consiga obra tão util a minha Real faz.^{da}. . .” (105).

As dificuldades administrativas regionais apontadas, acrescia a poderosa oposição dos jesuítas que, além doutros motivos, receavam que o “caminho novo” viesse prejudicar a integridade da “Fazenda Santa Cruz” porque os limites da mesma eram imprecisos (106). Daí o plano, de comum acordo com o Provedor do Rio de Janeiro, para que aquela autoridade obtivesse uma sesmaria em nome de seu filho ao lado das terras dos *loyolistas* de maneira que ficasse, com a mencionada concessão, demarcada a propriedade da Companhia de Jesus (107).

Em 1733, D. Luís Antonio de Távora (Conde de Sarzedas), 6.º governador de S. Paulo, solicitou ao seu colega fluminense (Manuel de Freitas Afonseca) “. . . a remoção dos embaraços” criados pelos jesuítas (108), de conformidade com a provisão régia de 22 de abril de 1733 (109). Entretanto, em 1737, morre o Conde de Sarzedas e assumiu, interina e cumula-

(105) *AESP., D.I.*, v. L, pp. 71-72. Ordem real reiterada em 28-1-1728 (cf. “Coleção de Ordens Régias”, I-III, fls. 53, v. L, cit., p. 103 e v. LIV, pp. 110-111) e renovada pela provisão régia de 30-12-1729 (v. LIV, p. 112, *AESP., D.I.*).

(106) Era um latifúndio “. . . de 100 léguas que correm desde o Rio Guandum (. . .) até o Rio Parahiba nos Campos dos Goitacazes. . .” (*AESP., D.I.*, v. L, pp. 174-175).

(107) *AESP., D.I.*, v. L, pp. 171-172.

(108) *AESP., D.I.*, v. XLI, p. 58.

(109) *AESP., D.I.*, v. L, pp. 267-268 e v. LIV, p. 115.

tivamente, o governo de S. Paulo Gomes Freire de Andrade que não deu qualquer impulso decisivo às obras do caminho.

Em 1739, Luís Mascarenhas (Conde d'Alva) foi empossado governador da capitania paulista, mas, por causa de uma questão de limites com o poderoso Gomes Freire (governador das capitanias do Rio e de Minas Gerais), acabou sendo recolhido à sede da corte em 1748, ficando S. Paulo sem governo próprio até 1765.

Em 1765, assumiu o 9.º governador de S. Paulo, D. Luís Antonio de Sousa (Morgado de Mateus) (1765-1775), que procurou reativar os trabalhos no "caminho novo", cujas obras, sob a direção do Capitão-mor Manuel da Silva Reis, tiveram novo alento e acabaram sendo concluídas pelo Capitão-general Martim Lopes Lobo de Saldanha em 1777 ⁽¹¹⁰⁾.

Nos tempos coloniais essa vereda estreitou, de modo marcante, as relações entre as capitanias de S. Paulo e Rio de Janeiro e estimulou as atividades econômicas sul-mineiras, paulistas e fluminenses porque por essa estrada desciam, para o Rio de Janeiro, o gado bovino e tropas carregadas de toucinho, fumo, açúcar e outros gêneros, inclusive café, cuja produção, em S. Paulo, ainda era incipiente. Os muares retornavam, do litoral, com grandes partidas de sal e outros produtos importados, inclusive o ferro, de que tanto careciam as populações do interior do Brasil-Colônia.

Com a estrada, o desbravamento da floresta, a dominação do silvícola, o aparecimento de propriedades rurais, de ranchos, pousos, bairros, aldeias, capelas, capelas curadas, freguesias e vilas. Assim haviam surgido, até aquela época, o Porto de Cachoeira, o Bairro de Silveiras, a Aldeia de São João de Queluz ⁽¹¹¹⁾, a Vila de São Miguel de Areias, o Povoado do Barreiro, a Freguesia do Bom Jesus do Livramento do Bananal.

O "caminho novo da Piedade" cumprira o seu destino — fora a força geradora do povoamento e o condicionador da civilização no extremo nordeste de S. Paulo, mesmo antes do ciclo do café.

b) *Os primeiros caminhos do café na extremidade oriental do Vale do Paraíba paulista*

Faltam ainda referências aos caminhos abertos na extremidade oriental do Vale do Paraíba paulista durante o período imperial. Essas estradas foram objeto de uma comunicação que apresentei no "1.º Simpósio de

(110) O caminho já era transitável antes da aludida data, mas exigia freqüentes reparos e obras complementares.

(111) Cf. "Os puris de Guapacaré e algumas achegas à História de Queluz", de minha autoria (*Revista de História*, n.º 61, S. Paulo, 1965).

História do Vale do Paraíba” realizado em Lorena, em julho de 1972, sob o seguinte título: “Os primeiros caminhos do café”.

Eram atalhos transversais que se iniciavam no “caminho novo da Piedade” para cruzarem, no sul, a “trilha da Bocaina” e, em seguida, galgarem a Serra do Mar e surdirem em Ariró, Jurumirim, Angra dos Reis e Mambucaba. Tendo em vista a exigüidade de espaço disponível vou apenas citar as veredas estudadas:

- o caminho da Freguesia de Bananal a Vila da Ilha Grande, iniciado em 1819, que ligou a Província de S. Paulo aos portos de Ariró, Jurumirim e Angra dos Reis;
- a estrada que, partindo de Areias, dirigia-se diretamente para os portos da Vila de Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande. Essa via, cujas obras foram encetadas em 1824, ficou conhecida pelas designações de “estrada do Rio da Onça” e *Cesaréa*;
- a vereda Areias-Barreiros-Mambucaba, que já era freqüentada em 1844;
- Silveiras, utilizando-se do antigo “caminho do gado” comunicava-se com a “estrada Areias-Mambucaba” na fazenda “Bom Jardim”. Posteriormente, de Silveiras vinha-se a Bom Jesus da Bocaina, donde desciam duas sendas: uma delas procurando Cunha; a outra, em busca do caminho da margem esquerda do Rio do Veado, que ligava as vilas de Areias e S. José do Barreiro com Mambucaba.

IX — O CAMINHO DE GOIÁS

Em 1682, Bartolomeu Bueno da Silva, o primeiro Anhangüera, nascido em Parnaíba, penetrou (levando consigo o seu filho homônimo de doze anos) pelos sertões do norte da capitania, habitado pelos índios *Goiás*, descobriu ouro e regressou a sua terra natal com grande número de escravos.

Quarenta anos depois, em 1722, o seu filho Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhangüera, associado ao seu genro João Leite da Silva Ortiz e outros, partiu de São Paulo na esperança de reencontrar as minas descobertas por seu pai. Em 21 de outubro de 1725, Bartolomeu Bueno retornou vitorioso a S. Paulo graças ao êxito de sua expedição exploradora.

Azevedo Marques escreveu: “Saindo de São Paulo, o Anhangüera traçou o que mais tarde viria a ser a estrada de Goiás: atravessando os

rios Atibaia, Jaguari, Mogi, Pardo e Sapucaí, até o Rio Grande. Nesse caminho, até 1728, havia trinta pousos” (112).

Como recompensa pela alvissareira descoberta, Anhangüera recebeu do governador Rodrigo César de Menezes a concessão, por três vidas, “do direito das passagens dos rios que dependessem de canoa no caminho de seus descobrimentos”. A citada mercê abrangia os rios Atibaia, Jaguari, Rio Pardo, Rio Grande, Rio das Velhas, Rio Paranaíba, Rio Meia Ponte e o Rio dos Pasmados, ficando fora da relação os “. . . rios Mogi e Sapucaí por haverem os suplicantes trespassado os direitos relativos aos dois rios” (113).

Por essas referências geográficas, que datam do início do segundo quartel do século XVIII pode-se ter uma idéia, ainda que vaga, do caminho paulista de penetração para Goiás. O “Mapa Corographico da Capitania de S. Paulo”, elaborado por Antonio Rodrigues Montezinho, “. . . conforme suas observações feitas em 1791, e 1792” (114), registrou nas margens do “caminho de S. Paulo para Goiás”, até ao Rio Grande, as vilas de Jundiá e Mogi-Mirim, as fazendas Itaque, Olho d’Água, Pisarão, Casa Branca, Paciência, Carlos Barbosa, Rafael, Araraquara, Batatais, Bagres, Salgado e João dos Reis e um córrego, Paciência, situado entre as fazendas Batatais e Bagres. Portanto, quase meio século depois do achado de ouro feito pelo segundo Anhangüera, Montezinho assinalou, em seu mapa, duas vilas, doze fazendas e um córrego como possíveis pousos ao longo do trecho paulista da aludida vereda.

O Prof. José Geraldo Evangelista, em seu excelente estudo sobre Ituverava, relacionou, somente no trecho do “Sertão do Rio Pardo até o Rio Grande” dezessete pousos: “Passagem Tapada, Carlos Barbosa, Rafael, Rio das Pedras, Araraquara, Batatais, Paciência (córrego), Rio Sapucaí, Bagres, Salgado, João dos Reis, Vieira, Monjolinho (córrego), Córrego (sem outra denominação), Calção de Velho (ou de couro), Rio das Roças (ou das Pedras) e Rio Grande, junto à ilha Grande e foz dos rios das Toldas e Yberaba, onde existiria uma barca para a travessia e penetração em território goiano” (115).

Os autores que estudam este assunto, de modo geral, destacam a importância da citada vereda como condição geradora do povoamento da “zona mogiana”, cujo traçado, em linhas gerais, acompanhou a antiga trilha dos bandeirantes. A “Carta da Província de São Paulo”, de 1886 (116), elaborada na época em que foi concluída a Estrada de Ferro Mogiana, pode-nos dar uma visão das semelhanças existentes cotejando-se os roteiros da senda dos sertanistas e do caminho de ferro. Para esse fim, o itinerário de 1886 passa a ser aqui descrito sucintamente, com as indicações apenas

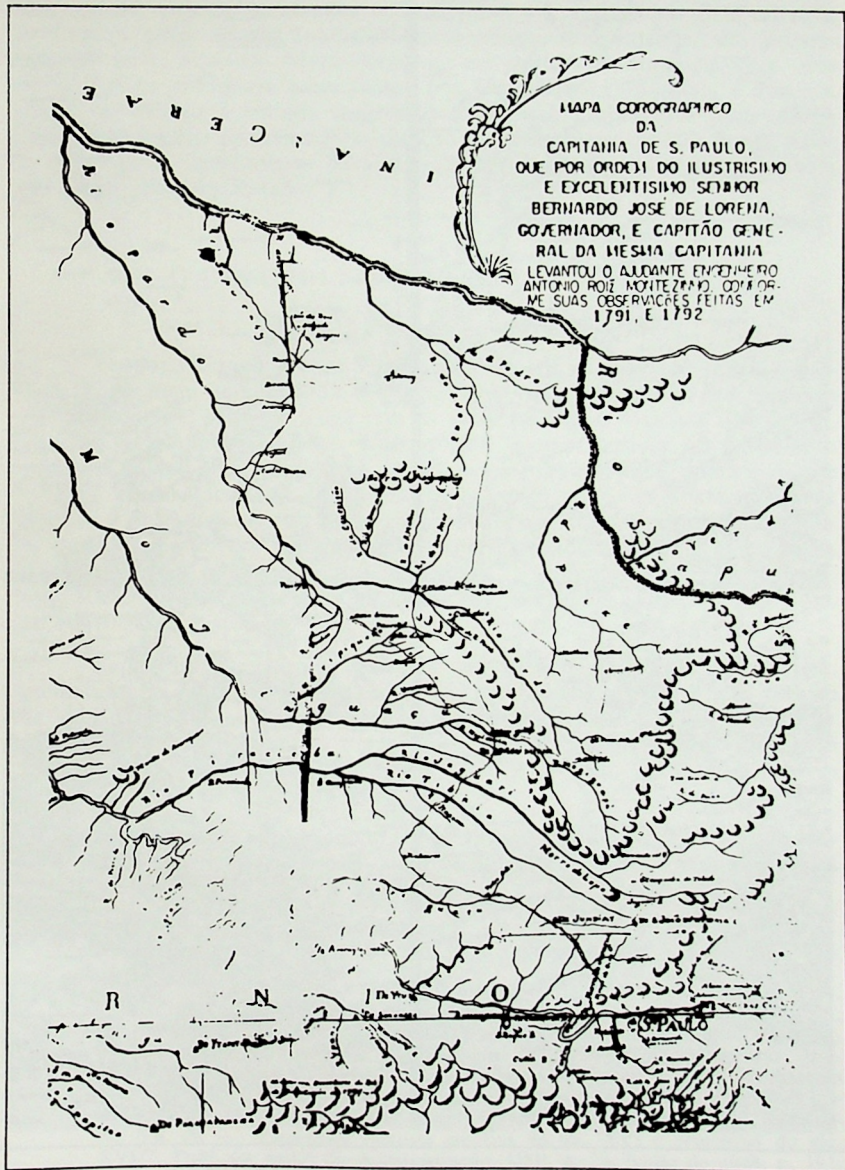
(112) *Dicionário de Bandeirantes*. . . , p. 368.

(113) Taunay — *Hist. das Band. Paulistas*, t. II, p. 204.

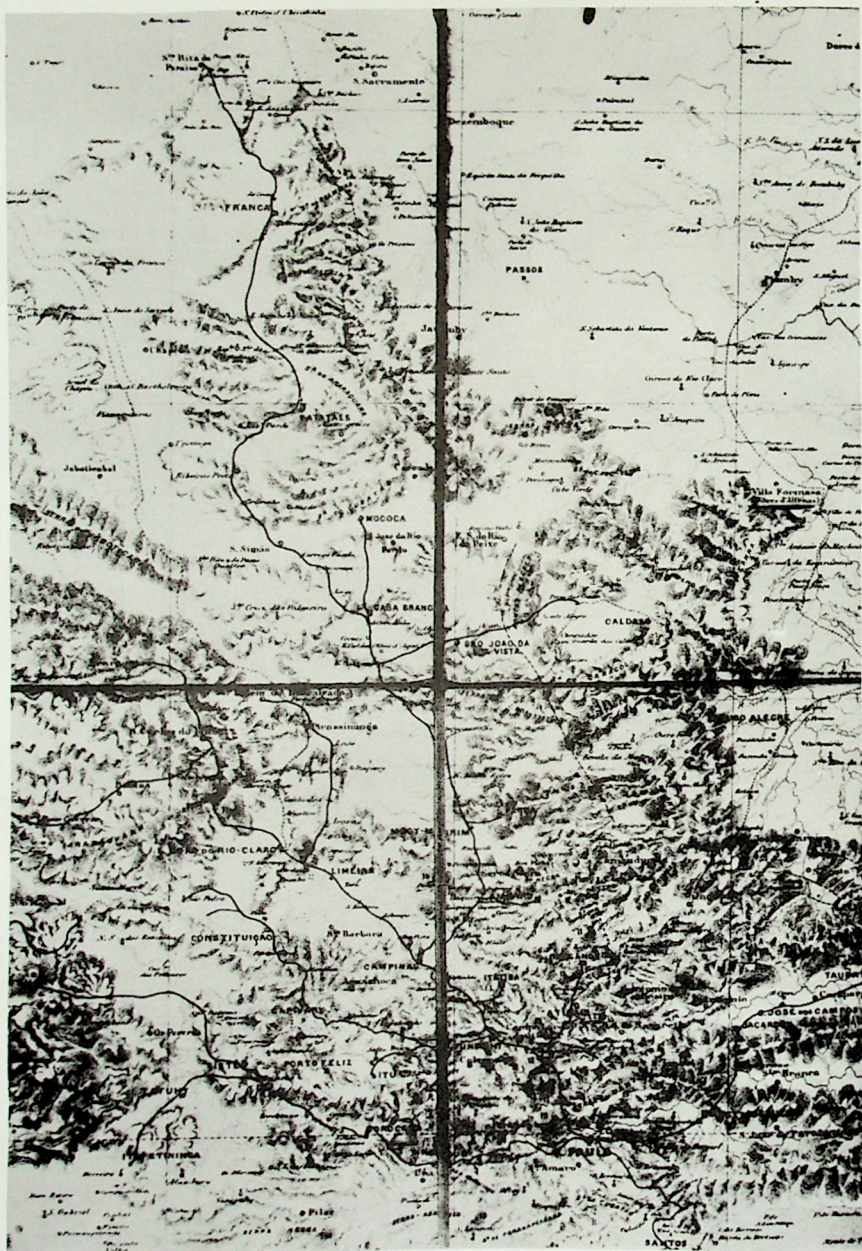
(114) Montezinho, mapa já cit.

(115) *Crônica de Ituverava (1750-1950) e Outros Estudos*, p. 9.

(116) Organizada por C.D. Rath.



CAMINHO DE SÃO PAULO PARA GOIÁS



CARTA DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO
(organizada por C.D. Rath, 1886)

das cidades existentes: cruzava o Tietê junto à Freguesia do Ó e, adiante, o Juqueri para atingir Jundiá. Depois abordava Campinas, daí prosseguindo para alcançar Mogi-Mirim e, em seguida, ultrapassava os rios Mogi-Guaçu e Jaguari para passar por Casa Branca, Batatais e Franca. Além de Franca a estrada se bifurcava: um ramo obliquava para direita (em parte apenas projetada) em direção fronteira à foz do Rio Ponte Alta; o outro galho inclinava-se para a esquerda, seguindo na direção da Vila de Santa Rita do Paraíso.

X — O CAMINHO FLUVIAL DO TIETÊ PARA OESTE

Teodoro Sampaio, com a segurança do seu reconhecido saber, escreveu: “Vêde bem que em toda a hydrographia do continente do Sul, nenhum rio consideravel como o Tietê tem as cabeceiras mais vizinhas do oceano, nenhum permite mais largo accesso pelo interior através de um amplo systema fluvial como o de que elle depende. Essa estrada admiravel que o Tietê assim facultava ao movimento invasor só se equipara nos seus effeitos a do Amazonas no norte e a do Prata no sul. Mas nem uma excedia o Tietê nas condições propicias para uma expansão guerreira, como tinha de ser a que os paulistas depois realizaram”. “O paulista, pelo seu *habitat*, tinha de ser o *bandeirante* por excellencia. A conquista dos sertões estava no seu destino historico”⁽¹¹⁷⁾.

Capistrano de Abreu, referindo-se às condições naturais do Tietê, mencionou a “direção de sua corrente, pois os colonizadores não tinham de subi-lo, mas de descê-lo, o que era mais fácil. Outro era o sistema de seus vertentes, que o punha em contato com o Paraíba, o Mogi-Guaçu, o Paranapanema, e, depois de confluir com o Paraná, punha-o ainda em contato com os afluentes do Paraguai”⁽¹¹⁸⁾.

As viagens de José Sedeño⁽¹¹⁹⁾, Ulrico Schmidl e outros demonstraram que já eram freqüentes os contatos entre os povoados vicentinos e as terras dos vales do Paraná e Paraguai.

(117) “O Sertão antes da conquista (séc. XVI)”, RIHGSP., v. V, 1899-1900, Tip. D.O., 1901, p. 87.

(118) Abreu, J. Capistrano de — *O Descobrimento do Brasil*, cit., pp. 107-108. Apesar da proibição vigente desde 1563, parece que a primeira viagem feita, “às escondidas”, com destino ao Paraguai foi iniciada em S. Paulo, em 1555, por um grupo de espanhóis e portugueses (entre eles “João de Salazar, Melgarejo e dois filhos de Luís de Góis, Cipriano e Vicente”). “E é significativo que, em lugar de recorrer ao caminho ordinário, inteiramente, ou quase, por terra, foram embarcar no Tietê, provavelmente além do salto de Itu” (Holanda, S.B. de — “Expansão Paulista em fins do séc. XVI e princípios do séc. XVII”, Publ. do Inst.º de Administração, USP, n. 29, junho de 1948, p. 19).

(119) A expedição de José Sedeño foi citada, com reservas, por Melo Nóbrega em *História de um Rio (Tietê)*, Martins, S.P., 1948, p. 38.

Desde as duas primeiras décadas do Seiscentos, Manuel Preto, Diogo de Quadros, Belchior Dias Carneiro, Clemente Álvares, Brás Gonçalves, Antonio Pedroso de Alvarenga, Sebastião Preto, Lázaro da Costa e outros moradores de São Paulo já incursionavam, à procura de “peças escravas”, pelas terras ao sul do Paranapanema, onde os jesuítas espanhóis estabeleceram numerosas “reduções”⁽¹²⁰⁾.

Em 1628, D. Luís de Céspedes Xeria, capitão-general do Paraguai, que regressava de viagem ao Rio de Janeiro, traçou um documento cartográfico de sua jornada do “porto de N. Sa. da Atocha”, talvez próximo ao futuro porto de Araritaguaba, como aventou hipótese Melo Nóbrega⁽¹²¹⁾, até a “. . . Ciudad Real, sempre pelo Tietê e Paraná”⁽¹²²⁾. Pouco tempo depois, em 1629, o grande sertanista André Fernandes iria conduzir, sob sua guarda, para o Paraguai, por esse mesmo itinerário D. Vitória de Sá, fluminense que desposara o mencionado governador espanhol. Também desceram, no século XVII, o Tietê, Francisco Pedroso Xavier (para invadir e assolar, em 1675 e 1676, reduções espanholas), Brás Mendes Pais⁽¹²³⁾, que se encontrava em Mato Grosso, em 1682, com seu irmão Pedro Domingos Pais e Pedro Leme da Silva, o Torto; Manuel de Frias Taveira, que fez uma incursão contra os índios do Itati, Gaspar de Godói Colaço que devassou, em 1698, a região da Vacaria de Mato Grosso, onde já havia estado anteriormente, em 1676, com Pedroso Xavier; Amaro Fernandes Gauto, participe da expedição de Godói Colaço, de 1698, também sobre Vacaria de Mato Grosso, etc.

Essas viagens do século XVII e das duas primeiras décadas do século seguinte eram penosas e plenas de riscos e dificuldades. Os paulistas embarcavam no Tietê, nas imediações de Itu, desciam o Anhembi e depois o Paraná até as vizinhanças de Sete Quedas, onde adentravam uns, rumo ao sul, galgando a Serra do Maracaju para alcançarem o Guairá; outros marchavam para Oeste, pelo vale do Apa ou Piraí, em busca do Itati, ou, então, como terceira alternativa, tomavam direção NO para descerem, desde suas cabeceiras, o Mbotetê (ou Miranda).

Pelos anos de 1685, o sorocabano Pascoal Moreira Cabral Leme, o futuro descobridor das “minas de Cuiabá”, instalou-se, com sua comitiva, à margem do Mbotetê, depois Miranda, no sul de Mato Grosso, onde os paulistas expandiam os seus domínios pelos campos da Vacaria, margens do Iguatemi e terras da Serra do Maracaju. Pascoal M. Cabral, numa dessas investidas contra os aborígenes acabou encontrando, casualmente, em 1718, nas margens do Coxipó-Mirim, mostras de ouro. Diante

(120) Cf. Az. Marques — *Dicionário*; Ellis Jr., A. — *Meio Século de Bandeirismo*, cit., pp. 109-112 e *Época Colonial — I* (dir. Holanda, S.B. de), cit., p. 286.

(121) Ob. cit., p. 50.

(122) Era a Ciudad Real del Guairá, na margem esquerda do Paraná (*Relatos Monçoeiros*, Introdução, Coletânea e Notas de A. de E. Taunay, Martins, 1953, p. 8).

(123) Era cunhado de Pascoal Moreira Cabral Leme.

do promissor achado, os bandeirantes procederam pesquisas mineradoras com auxílio de João Antunes Maciel e outros, até serem atacados pelos silvícolas. Todavia, quando escasseavam as esperanças e toda a expedição sofria o risco de extermínio, apareceu, inesperadamente, a bandeira salvadora de Fernando Dias Falcão. Assim, como escreveu Capistrano, "Sem serem procuradas apareceram as minas de Cuiabá. (...) as notícias (...) levadas ao povoado, agitaram a população e levemente se lançou à terrível jornada que começava no Tietê próximo de Itu, prosseguia pelo Paraná..." (124).

Os *RELATOS SERTANISTAS* divulgaram os "Diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os Rios Cuiabá e Província do Cochiponé" (125). De modo geral pode ser assim esboçada uma das principais vias que, de Piratininga, demandava, por volta de 1725, terras dos sertões ocidentais: de São Paulo viajava-se a cavalo até a Vila de Parnaíba e daí à Vila de Itu. Da famosa planície de Pirapitingui partiam as frotas, Rio Tietê abaixo, até a sua foz no Rio Grande (Paraná) (126), por onde navegavam, favorecidos pela correnteza, para entrarem por um dos afluentes da margem direita, preferentemente o Rio Pardo, que ficava a seis dias de viagem da desembocadura do Anhembi. Entrando pelo Pardo subiam o seu caudal até onde se pudesse navegar. Daí continuavam a marcha, por terras de Camapuã, em busca dos tributários orientais do Rio Paraguai. Alcançado o Rio Coxim e depois o Taquari, podiam descer por esse último curso d'água até a sua barra no Paraguai, donde era possível subir até a embocadura do Rio São Lourenço e por ele alcançar o Cuiabá e, em seguida, o Coxipó-Mirim.

Outra opção era, em vez de descer o Taquari, procurar mais ao N, o Pequiri, afluente do Cuiabá, e, por intermédio desse rio, ter acesso às "minas novas de S. Paulo" (127). A descoberta do ouro cuiabano trouxe conseqüências relevantes entre as quais cito, exemplificativamente, a alteração dos objetivos das bandeiras que passaram a dar prioridade à mineração, as modificações dos roteiros percorridos pelos sertanistas, os movimentos migratórios para Cuiabá, o incremento do comércio com o sertão ocidental, o aparecimento das monções que partiam do porto, já habitado, de Ararituaba, inaugurando um novo sistema de transporte fluvial, que se tornou, gradativamente, mais seguro e menos penoso, etc. Numerosas

(124) *Capítulos da História Colonial — 1500-1800*, Briguiet, Rio, 1954, p. 235.

(125) *Biblioteca Histórica Paulista*, Dir. de A. de E. Taunay, S.P., 1953, p. 201.

(126) Os Saltos de Urubupungá, ao N, próximo à desembocadura do Tietê, e o das Sete Quedas, ao S, nas imediações da foz do Iguatemi, eram duas poderosas barreiras obstaculizando as penetrações fluviais pelo Rio Paraán.

(127) O Conde de Azambuja, em sua viagem de S. Paulo a Cuiabá, em 1751, subiu o Rio Pardo até onde foi possível navegar, continuou a viagem a pé até o sítio de Camapuã, na margem do ribeiro do mesmo nome. Desceu pelo Rib. Camapuã até ao R. Cochim e desse ao R. Taquari, sempre navegando a favor da correnteza, até a sua desembocadura no Rio Paraguai (RIHGB., t. 7.º, pp. 478-497).

outras considerações, que estas linhas não comportam, poderiam ser feitas. No entanto, esse breve enunciado já permite vislumbrar a importância e a amplitude deste tema.

XI — AS PENETRAÇÕES PARA O SUL

a) *As trilhas indígenas*

Orville Derby, eminente geógrafo, verificando o acerto dos roteiros dos bandeirantes que "...habitavam aproveitavam as feições naturais dos rios navegáveis, campos abertos, espigões descampados e gargantas baixas...", concluiu que os paulistas, nas suas entradas no sertão "...apenas seguiram caminhos já existentes pelos quais comunicavam entre si os índios de diversas tribos relacionadas ou grupos destacados de uma mesma tribo" (128).

Sérgio B. de Holanda também destacou a importância dessas trilhas indígenas ao se referir à façanha de Aleixo Garcia que, partindo do Porto dos Patos, embrenhou-se pelos sertões rumo aos Andes "...através de terras nunca trilhadas por europeus" (129). Dessa mesma costa e palmilhando possivelmente a mesma vereda, partiriam também, mais tarde, em 1541, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca para assumir o governo do Paraguai e, em 1551, Cristoval Saavedra. As circunstâncias permitem supor que os expedicionários que saíram de Cananéia, sob o comando de Pero Lobo, tenham, a partir de certo ponto, percorrido o mencionado roteiro seguido, pioneiramente, por Aleixo Garcia.

O caminho de São Vicente para o Paraguai, denominado *Peabiru*, que partia de S. Paulo, passava por Pinheiros e, sempre rumo O, procurando o alto curso do Paranapanema, donde prosseguia em busca de terras paraguaias, devia "...encruzeilhar-se, ao sul, com a via percorrida por Cabeça de Vaca" (130). Essa vereda (*Peabiru*) era palmeada assiduamente, por volta de 1550, quando "...eram frequentes as relações entre vicentinos e castelhanos de Asunción" (131), mas acabou sendo fechada, em 1553, por Tomé de Sousa, atendendo aos protestos espanhóis contra os traficantes do gentio do Paraguai.

(128) "O roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas" (RIGHSP, v. IV, p. 343).

(129) *Caminhos e Fronteiras*, p. 23.

(130) Holanda, S.B. — "Expansão Paulista em fins do séc. XVI...", p. 13.

(131) Taunay, A. de E. — *Hist. Band. Paulistas*, v. I, p. 27. As exportações paraguaias pelo porto de Santos haviam rendido para a alfândega lusa, em 1552, mais de cem cruzados (Varnhagen — *Hist. G. do Brasil*, v. I, p. 259).

b) *As primeiras incursões dos vicentinos para o sul no século XVI*

Esse trabalho pioneiro de "...desbravamento das vias de penetração de uma extensa zona do sul, isto é, do caminho dos Carijós...", foi feito "...pelos inacianos, por Leonardo Nunes, o *Abaré-bebê*, e por Pedro Correia, vítima daqueles índios" (132), o "Protomártir S.I. na América", na pronominação do Pe. Serafim Leite (133).

Enquanto os jesuítas faziam o seu trabalho apostolar de catequese, domesticando o silvícola, os colonos movidos por objetivos utilitários praticavam o apresamento dos Carijós, destacando-se, já no primeiro século da colonização, as atividades escravistas e comerciais de Pascoal Fernandes, um dos primeiros moradores de Santos, que fez inúmeras viagens marítimas ao litoral sul (entre Cananéia e a Ilha de Santa Catarina), a primeira delas em 1548, para prear índios destinados ao cativoiro.

O próprio governador da Capitania de S. Vicente (de 1572-1592), o Capitão Jerônimo Leitão, em 1581, regressou da região de Guairá (134) com numerosos servos e, em 1585, a pedido da Câmara de S. Paulo, chefiou outra expedição contra os Carijós. A bandeira partiu de Santos, dirigiu-se ao litoral sul, donde penetrou nos sertões para atingir, além do Paranapanema, a Província do Guairá, retornando "...em fins de junho ou julho de 1585, com valiosas "peças de escravos" (135).

c) *A expansão para o sul no século XVII*

Taunay atribuiu a Heliodoro Eobanos a descoberta de "...pequenas manchas auríferas em Iguape e Paranaguá...", a incursão no planalto curitibano e a fundação, ainda que "pequeno e efêmero", de um arraial "...às margens do Atuba, afluente do Iguaçu" (136).

As penetrações e as posses de terras sulinas eram consentidas e, em certas ocasiões, estimuladas pelas autoridades portuguesas que pretendiam expandir o domínio luso até o Rio da Prata. Os paulistas atraídos pelos grandes "estoques" indígenas que se encontravam nas reduções do sul e pelo ouro de lavagem foram, a maior parte das vezes espontaneamente, os agentes poderosos e eficazes das conquistas de dilatadas terras que se

(132) Magalhães, B. de — "Expansão Geográfica...", p. 39.

(133) *Cartas dos Primeiros Jesuítas*, v. III, p. 580. O Pe. Pedro Correia e seus companheiros João de Sousa e Fabiano foram mortos em setembro de 1554.

(134) Os espanhóis colonizaram "...a região do Guairá (...) onde surgiram Ontiveros (1554), Ciudad Real (1551) e Vila Rica (1557)" (Taunay — ob. cit., p. 27).

(135) Reis, P.P. — *O Indígena...*, p. 57.

(136) *Hist. Band. Paulistas*, t. I, pp. 27-28.

situavam muito além do meridiano de Tordesilhas. Exemplificativamente, cito apenas algumas bandeiras que devassaram as terras meridionais:

Em 1635, o bandeirante Luís Dias Leme desceu de Santos, por via marítima, para invadir as reduções sul-riograndenses; em 1636, Antonio Raposo Tavares, viajando por terra, atingiu o Tape; e, no ano seguinte, nova leva de expedicionários, sob o comando de Francisco Bueno, combateu os índios dos aldeamentos localizados nas margens do Taquari e Uruguai.

Em 1638, Fernão Dias Pais Leme invadiu territórios ao sul de São Paulo, tendo, inclusive, segundo alguns autores, adentrado pelas terras uruguaias.

Após essas razias contra as reduções guaranis, os jesuítas espanhóis reforçaram as defesas das reduções do Tape e infligiram, na margem esquerda do Uruguai, duas devastadoras derrotas às bandeiras de Pascoal Leite Pais (em Caaçapaguaçu, 1639) e de Manuel Pires (em Mbororé, 1641). Todavia, esses desbaratos sofridos pelos paulistas, ao longo do Rio Uruguai, não detiveram a expansão portuguesa para o sul, que se processaria, nas décadas seguintes, preferentemente, na faixa litorânea.

Gabriel de Lara, partindo de Iguape, construiu, em 1640, um baluarte na ilha de Cotinga e lançou as bases da povoação de Paranaguá. Em 1645, encontrou ouro nos campos de Curitiba (as "minas de Peruna"), onde surgiria o arraial que se denominou N. Sa. dos Pinhais, futura Vila de Curitiba, de 1693. No litoral, abaixo de Paranaguá, ergueram-se as povoações de S. Francisco, Desterro e Laguna.

Em 1658, Manuel Lourenço de Andrade, "que emigrara com bom grupo de paulistas" ⁽¹³⁷⁾, fundou a Vila de N. Sa. da Graça de S. Francisco Xavier (S. Francisco do Sul). A Ilha de Santa Catarina teve, durante muito tempo, em Francisco Dias um povoador pioneiro. Coube ao seu filho Francisco Dias Velho prosseguir na colonização da famosa "Ilha dos Patos". Com esse objetivo partiu de S. Paulo, em 1662, "... com a mulher, diversos filhos e quinhentos índios do seu serviço" ⁽¹³⁸⁾, fundando com a sua gente a "Vila de N. Sa. do Desterro da Ilha de Santa Catarina".

Não se tem certeza quanto à data da fundação de Laguna ⁽¹³⁹⁾; sabe-se, no entanto, que foi fundada pelos paulistas Domingos Brito Peixoto, seus filhos Francisco Brito Peixoto e Sebastião Brito Guerra, acompanhados de dez homens brancos e cinquenta escravos índios ⁽¹⁴⁰⁾ que lançaram as bases da povoação de "Santo Antonio dos Anjos da Laguna", que se

(137) Taunay — cit., p. 201.

(138) Idem, ibidem. Essa vila seria, 26 anos depois, arrasada por uma frota de corsários, sendo o seu fundador, Dias Velho, trucidado.

(139) As datas oscilam, conforme as fontes, de 1656 a 1684.

(140) Taunay — ob. cit., p. 202 e Az. Marques — *Apontam.*, v. II, p. 69.

tornou o ponto extremo do avanço do povoamento pelo litoral e “foi o núcleo paulista por excelência dos criadores de gado”⁽¹⁴¹⁾, donde saíram “os pioneiros (. . .) da ocupação do Rio Grande de São Pedro”⁽¹⁴²⁾.

As bandeiras paulistas haviam desbravado terras meridionais e conquistado os territórios do Paraná, Santa Catarina e parte do Rio Grande, mas não era o suficiente para satisfazer o governo português que, há muito tempo, agasalhava o plano de estender até o Rio da Prata a sua fronteira austral.

O novo governador do Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo, recebeu a incumbência de instalar um “povoado e presídio” no estuário do Prata, empresa tentada, sem sucesso, em 1678, por Jorge Soares de Macedo. Para esse fim recrutou o que pôde no Rio, embarcou para Santos, donde viajou para São Paulo, incorporando a sua expedição soldados paulistas sob o comando de Brás Rodrigues Arzão. A força militar saiu de Santos em 8 de dezembro e a 20 de janeiro de 1680 desembarcou, próximo a Ilha de S. Gabriel, na margem esquerda do Prata, iniciando, imediatamente, as construções do presídio e dos alojamentos para soldados e colonos. Surgia assim a Colônia do Sacramento, que provocou uma guerra, quase incessante, com os espanhóis e que se estendeu de 1680 a 1777; mas, os seus desdobramentos (principalmente a fixação, em 1737, de povoadores portugueses nas proximidades da Lagoa dos Patos) asseguraram a posse efetiva da faixa costeira das terras gaúchas que se prolongaram pela flecha compreendida entre a Lagoa Mirim e o Atlântico. Convém anotar, aqui, que Gomes Freire de Andrade tendo verificado a impossibilidade de recuperar o porto de Montevidéu, determinou ao Brigadeiro José da Silva Pais “com as tropas às suas ordens fossem assegurar o Rio Grande, fundando uma vila na sua entrada e fortificando-o. . .”⁽¹⁴³⁾. Em cumprimento das ordens recebidas, Silva Pais edificou, em 1737, a povoação do Rio Grande, ereta vila em 1752.

d) *Os caminhos para o sul no século XVIII*

Pedro Taques referiu-se à “. . . estrada costeira de S. Paulo para o Sul que procurava Santos, seguia pelo litoral até Itanhaém e Iguape, e daí subindo a Ribeira levava diretamente aos campos de Curitiba nas cabeceiras do Iguaçú”⁽¹⁴⁴⁾. Mas, por muito tempo, fora da orla atlântica o caminho para o sul ficou limitado a Sorocaba⁽¹⁴⁵⁾, donde, talvez, se esten-

(141) Bruno, Ernani da Silva — *São Paulo e o Sul*, v. 5, Cultrix, SP., 1967, p. 54.

(142) *Época Colonial* — I, cit., p. 322.

(143) Varnhagen — *Hist. G. do Brasil*, t. IV, 5.^a ed., Melhoramentos, pp. 19-20.

(144) Leme, Pedro Taques de Almeida Pais — “Informação sobre as minas de São Paulo e dos sertões de sua capitania desde o ano de 1579 até ao presente de 1772” (RIHGB, v. LXIV, P. 1.^a, pp. 29 e 52).

(145) N. Sa. da Ponte de Sorocaba, fundada, em 1654, por Baltasar Fernandes e seus genros que emigraram de Parnaíba. Foi ereta vila em 1661.

desse, na rota aproximada do *Peabiru*, por terras da futura povoação de Itapetininga ⁽¹⁴⁶⁾ para, em seguida, possivelmente, se inclinar para SO, em busca do alto curso do Tibagi.

O Prof. Basílio de Magalhães informou que, "... em 1715, Francisco Brito Peixoto, que se encontrava em Santos, recebeu ordem do governador (...) Francisco de Távora para abrir um caminho que, pelo interior, ligasse Laguna, em Santa Catarina, ao Rio Grande de São Pedro e à Nova Colônia do Sacramento. Não podendo ele, por enfermo, dar conta da árdua incumbência, encarregou da mesma a pessoas da sua família e alguns moradores de Laguna, os quais chegaram à Nova Colônia de Sacramento, a Maldonado e a Montevidéu" ⁽¹⁴⁷⁾. Assim foi feita a "Estrada do Araranguá", que se iria articular, algum tempo depois, com o caminho que ligaria as terras da antiga freguesia de N. Sa. dos Pinhais aos pampas riograndenses. A abertura dessa nova e importante via foi determinada por D. Antônio da Silva Caldeira Pimentel, governador de S. Paulo, que, em 1727, incumbiu da construção do "caminho entre Curitiba e a Colônia de Sacramento" o Sargento-mor Francisco de Sousa e Faria. A expedição construtora partiu de São Paulo em setembro de 1727 para chegar, depois de três anos de trabalhos, a Colônia. Aí continuaram, em sentido contrário, as obras que contaram, a partir de 1731, com o auxílio do Coronel Cristovão Pereira de Abreu.

Foi esse caminho, com suas ramificações, que permitiu o incremento do intercâmbio comercial entre São Paulo e o extremo sul e propiciou o estabelecimento, em Sorocaba, de uma grande feira de gado procedente das terras gaúchas e platinas ⁽¹⁴⁸⁾. Nas margens desse "novo cam.^o do certão do R.^o Grde., até a cide. de S. Paulo" abriram-se fazendas, surgiram pousos, ranchos e vendas que se tornaram, em muitos casos, as futuras povoações e vilas que pontearam a estrada de S. Paulo para o "Continente de S. Pedro".

Restringindo as citações ao atual território paulista anoto, além de Sorocaba, apenas Itapetininga e Faxina. O pouso de Itapetininga deu origem, em 1766, à povoação de N. Sa. dos Prazeres. Na "paragem chamada Faxina, Destr.^o das Minas de Piahy, do tr.^o da V.^a de Sorocaba", foi fun-

(146) Fundada por Simão Barbosa Franco, em 1766, sob a invocação de N. Sa. dos Prazeres.

(147) *Expansão Geográfica no Brasil Colonial*, 3.^a ed., EPASA, Rio, 1944, p. 341. As ordens recebidas por Brito Peixoto foram oportunas porque pelo tratado de paz assinado em Utrecht, em 6-2-1715, a Colônia de Sacramento, que havia caído, pela segunda vez, nas mãos dos espanhóis, foi devolvida a Portugal.

(148) Não se devendo também esquecer o valor estratégico dessa estrada por onde as tropas e reforços paulistas desceram para participar, com destaque, das lutas contra os espanhóis durante todo o século XVIII e no primeiro quartel do século XIX, quando a legião de São Paulo foi transferida para o Exército Imperial, criado por decreto de 1-12-1824.

dado um povoado, também em 1766, por Antonio Furquim Pedroso, por ordem de D. Luís Antonio de Sousa, governador de S. Paulo ⁽¹⁴⁹⁾.

Orville Derby referiu-se ao “mapa da América do Sul organizado, em 1775, pelo geógrafo real da Espanha, D. Juan de la Cruz Cano e Olmedilla...” que registrou “. . . quarenta e tantos nomes de localidades entre São Paulo e Viamão, isto é, um roteiro quase completo dos pousos nesta longa jornada. . .”, informando, a seguir, que “. . . nenhum mapa conhecido de origem portuguesa representa a estrada São Paulo-Rio Grande com igual soma de minudências” ⁽¹⁵⁰⁾.

Para esquematicamente se conhecer o roteiro desse importante “caminho para o sul”, O. Derby dividiu a estrada em cinco trechos, “marcados por pontos que já naquele tempo” ou posteriormente se desenvolveram alcançando as categorias de vilas ou cidades.

Ei-los: São Paulo-Sorocaba
Sorocaba-Faxina
Faxina-Rio Negro
Rio Negro-Lages
Lages-Porto Alegre ⁽¹⁵¹⁾

BIBLIOGRAFIA

I — Fontes primárias manuscritas e impressas

Arquivo do Estado de São Paulo:

- a) *Ms.*, 0. 232, M. 6, P. 1, D. 24.
- b) *Sesmarias*, volumes I, II e III.
- c) *Documentos Interessantes*, volumes XLI, XLIV, L, LI, LIV, LXV, 92.
- d) *Questões de Divisas entre São Paulo e Minas Gerais*, Arquivo do Estado de São Paulo, 1898, P. I, v. XI.

Museus e Arquivos de Taubaté, Divisão de — Ms., Cx. 14: “Autos Divisórios de Campos do Jordão. Fazenda Natal, em Cartório de São Bento do Sapucaí”.

(149) *AESP., D.I.*, v. LXV, S.P., 1948, pp. 77 e 78.

(150) “A Estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no século passado” (RIHGSP. v. III, 1898, Tip. de “El Diario Español”, S.P., 1898, p. 178).

(151) *Idem, ibidem*, p. 182.

- ANTONIL, André João (Pe. João Antonio Andreoni) — *Cultura e Opulência do Brasil*, Editora Progresso, Salvador, Bahia, 1955.
- AZAMBUJA, Conde — “Relação da viagem, que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da cidade de São Paulo para a villa de Cuyabá em 1751” (remetida de Lisboa por F.A. Varnhagen), in *RIHGB*, t. 7.º, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1866.
- FERREIRA, João da Costa — “Carta Chorographica da Capitania de São Paulo (1793)”. (Serviço de Documentação do Itamarati, Mapoteca, 6808 - 202 - 36).
- GUISARD FILHO, Félix — *Taubaté — Papéis Expedidos pela Câmara (1853-1860)*, Ed. Universal, São Paulo, 1944.
- LEITE, Serafim — *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*, v. III, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1954.
- MONTEZINHO, Antonio Rodrigues — “Mapa Corographico da Capitania de São Paulo que por ordem do Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor Bernardo Jozé de Lorena, Governador e Capitão General da Mesma Capitania levantou o Ajudante de Engenheiro Antonio Roiz Montezinho, conforme suas observaçoens feitas em 1791 e 1792”. (Serviço de Documentação do Itamarati, Mapoteca, 778 a 1 a — 1792 — M.).
- OLIVEIRA NETO, Luís Camilo de — “Diario da Jornada que fes o Exmo. Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a Cid. de São Paulo, e desta até as Minas. Anno de 1717”. Divulgado por Luís Camilo de Oliveira Neto, 3.º vol. da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*.
- RATH, C.D. — “Carta da Província de São Paulo organizada por C.D. Rath”, Ed. Casa Garraux, São Paulo, 1886.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de — “Santuário Mariano e Histórico das Imagens de Nossa Senhora, e das Milagrosamente aparecidas, que se venerão em todo o Bispado do Rio de Janeyro, & Minas, & em todas as Ilhas do Oceano”, publicado em Lisboa, v. X, 1723.
- SOUSA, Pero Lopes de — “Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532)”, in *RIHGB*, t. XXIV, Rio de Janeiro, Tip. de D. Luís dos Santos, 1861, pp. 9-96.

II — Outras obras consultadas

Arquivo Municipal de São Paulo, Revista do: volumes XXIII, XL, CXXI.

- ABREU, J. Capistrano de — *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, Briguiet, Rio de Janeiro, 2.^a ed., 1960.
- *O Descobrimento do Brasil*, F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro, 1929.
- *Capítulos da História Colonial — 1500-1800*, Briguiet, Rio de Janeiro, 1954.
- AGUIAR, Mário — “São Luís do Paraitinga”, in RAM, v. CXXI, São Paulo, 1949.
- ALMEIDA, Paulino de — “Tricentenário de Ubatuba”, in RAM, v. XL, ano V, São Paulo, out. de 1937.
- ARAÚJO, J.S.A. Pizarro e outros — *Tricentenário de Parati. Notícias Históricas*, v. 22, publ. da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, MEC, Rio de Janeiro, 1960.
- AZEVEDO, Aroldo — “Vilas e Cidades do Brasil Colonial”, Boletim n. 208, Geografia, n. 11, USP, São Paulo, 1956.
- BRUNO, Ernani da Silva — *Viagem ao País dos Paulistas*, Ed. J. Olympio, Rio de Janeiro, 1966.
- *São Paulo e o Sul*, v. 5, Cultrix, São Paulo, 1957.
- CALIXTO, Benedito — *Capitania de Itanhaém — Memória Histórica* (I Parte), publ. da RIHGSP, v. XX, Tip. do “Diário Oficial”, São Paulo, 1915.
- *Capitanias Paulistas — Capitania de Itanhaém* (II Parte), v. XXI, publ. da RIHGSP, São Paulo, 1924.
- CAMPISTA, Geraldino — “Itajubá” — 1703-1832 (Memória Histórica), in RIHGB, tomo especial, P. II, pp. 433-485, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1915.
- COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Exploração da região compreendida pelas folhas topográficas de Taubaté, Lorena, Bananal e Cunha*, Rothschild & Cia., São Paulo, 1928.
- CORDEIRO, José Pedro Leite — “Brás Cubas e a Capitania de S. Vicente”, in *Anais do IV Congresso de História Nacional*, 21 a 28/4/1949, 10.^o v., IHGB, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1951.
- DERBY, Orville — “Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Gerais”, in RIHGSP, v. V, 1899-1900, Tip. do “Diário Oficial”, São Paulo, 1901, pp. 240-278.
- “As bandeiras paulistas de 1601 a 1604”, in RIHGSP, v. VIII, 1903, Tip. do “Diário Oficial”, São Paulo, 1904, pp. 399-423.

- “A Estrada de São Paulo ao Rio Grande do Sul no século passado”, in RIHGSP, v. III, 1898, Tip. do “El Diario Español”, São Paulo, 1898, pp. 173-195.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo — *Meio Século de Bandeirismo*, v. 259, Col. Brasileira, Ed. Nacional, São Paulo, 1948.
- *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*, 2.^a ed., v. XXXVI, Col. Brasileira, Ed. Nacional, São Paulo, 1934.
- *A Economia Paulista do século XVIII* (Alfredo Ellis Jr. e Myriam Ellis), Boletim n. 115, História da Civilização Brasileira, n. 11, USP, São Paulo, 1950.
- ELLIS, Myriam — “Pesquisa sobre a existência do ouro e da prata no planalto paulista nos séculos XVI e XVII”, in *A Economia Paulista no século XVIII*, pp. 149-213.
- EVANGELISTA, José Geraldo — *Crônica de Ituverava (1750-1950) e Outros Estudos*, Ed. FFCL de Ituverava, São Paulo, 1975.
- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho — *Os companheiros de D. Francisco de Sousa*, Rio de Janeiro, 1929.
- *Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo*, v. 181, Col. Brasileira, Ed. Nacional, São Paulo, 1940.
- *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, Ed. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1954.
- GRIMBERG, Isaac — *Gaspar Vaz fundador de Mogi das Cruzes*, São Paulo, 1980.
- GUISARD FILHO, Félix — *Jacques Félix — Acheugas à História de Taubaté*, Athena Editora, São Paulo, 1938.
- *Ubatuba*, v. I, *Acheugas à História do Litoral Paulista*, São Paulo, 1940.
- GUZMAN, Rui Diaz de — “La Argentina — Historia de Las Provincias del Rio de la Plata, escrita el año 1612”, in *Anales de la Biblioteca de Buenos Aires*, t. IX, Buenos Aires, 1914.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de — “Expansão Paulista em fins do século XVI e princípio do século XVII”, publ. do Instituto de Administração, USP, n. 29, São Paulo, junho de 1948.
- *Caminhos e Fronteiras*, Ed. J. Olympio, Rio de Janeiro, 1957. Direção da Equipe de Professores da USP que escreveu *A Época Colonial — I — Do Descobrimento à Expansão Territorial*, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1960.

- KLOSTER, W. & SOMMER, F. — *Ulrico Schmidl no Brasil Quinhentista*, publ. da Sociedade “Hans Staden”, Tip. Gutenberg, S. Paulo, 1942.
- LEITE, Aureliano — *São Francisco de Paula de Ouro Fino*, Empr. Gráfica da Revista dos Tribunais, São Paulo, 1941.
- LEITE, Mário — *Paulistas e Mineiros Plantadores de Cidades*, EDART, São Paulo, 1961.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Pais — *História da Capitania de São Vicente*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, s/d.
- “Informação sobre as minas de São Paulo e dos sertões de sua capitania desde o ano de 1579 até o presente de 1772”, in RIHGB, v. LXIV, p. 1.^a.
- MAGALHÃES, Basílio de — “Expansão Geográfica do Brasil até fins do século XVII”, tomo especial, P. II, RIHGB, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915, pp. 29-173.
- *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, 3.^a ed., corrigida e ampliada, EPASA, Rio de Janeiro, 1944.
- MAGALHÃES, José Vieira Couto de — “7.^a Conferência para o Tricentenário de Anchieta. Assunto: Anchieta, as raças e línguas indígenas”, Tip. a Vapor Carlos Gerke & Cia., São Paulo, 1897.
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo — *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, tomos I e II, Martins, São Paulo, 1952.
- “Cronologia dos acontecimentos mais notáveis da Província de São Paulo desde o seu descobrimento até o ano de 1876”. Apêndice ao volume II dos *Apontamentos* supra cit., pp. 323-464.
- MORAES, Francisco Correia de Almeida — *Subsídios para a biografia do fundador de Santos* (opúsculo), São Paulo, 1907.
- MOURA, Américo Brasiliense Antunes de — *Os povoadores do campo de Piratininga (traços biográficos e genealógicos)*, v. XLVII da RIHGSP, São Paulo, s/d. (prefácio datado de setembro de 1950).
- MOURA, Gentil de Assis — “Santo André da Borda do Campo”, in RIHGSP, v. XIV, 1909, São Paulo, 1912, pp. 5-22.
- NÓBREGA, Melo — *História de um Rio (Tietê)*, Martins, São Paulo, 1948.
- PEREIRA, Antonio Batista — “A Cidade de Anchieta”, in RAM, v. XXIII, ano II, São Paulo, maio de 1936.

- PEREIRA, Francisco Lobo Leite — “Descobrimto e devassamento do território de Minas Gerais”, in Revista do “Arquivo Público Mineiro”, ano VII, fascículos III e IV, julho a dezembro de 1902, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1902, pp. 549-581.
- PIZARRO E ARAÚJO, J.S.A. e outros — *Tricentenário de Parati — Notícias Históricas*, v. 22, publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, MEC, Rio de Janeiro, 1960.
- PRADO, J.F. de Almeida — *São Vicente e as Capitâneas do Sul do Brasil. As Origens (1501-1531)*. Brasiliãna, v. 314, Ed. Nacional, São Paulo, 1961.
- REIS, Paulo Pereira dos — *Os primeiros caminhos do café no Vale do Paraíba paulista*. Trabalho apresentado no “I Simpósio de História do Vale do Paraíba”, que teve como tema o “Ciclo do Café e o Processo da Independência”, realizado em Lorena, São Paulo, no período de 24 a 30/07/1972.
- *O Caminho Novo da Piedade no Nordeste da Capitania de São Paulo*, v. 10 da Coleção História, Comissão Estadual de Literatura, Secretaria da Cultura, São Paulo, 1971.
- “Os Puri de Guapacaré e algumas achegas à História de Queluz”, in *Revista de História*, n. 61, São Paulo, 1965.
- *Reminiscências Piquetenses — 1926-1930*, opúsculo, edição do autor, 1981.
- SAMPAIO, Teodoro — “Onde foi o assento da Vila de Santo André da Borda do Campo”, in *RIHGSP*, v. 9, Tip. do “Diário Oficial”, São Paulo, 1904.
- “O sertão antes da conquista (século XVII)”, in *RIHGSP*, v. V, 1899-1900, Tip. “Diário Oficial”, São Paulo, 1901.
- “Peregrinações de Antonio Knivet no Brasil no século XVI”, in *RIHGB*, tomo especial, P. II, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1915.
- SANT’ANA, João Gabriel — *Genealogia Sebastianense*, Ed. do autor, São Paulo, 1976.
- SANTOS, Francisco Martins dos — *História de Santos*, v. 1, Ed. da Revista dos Tribunais, São Paulo, 1937.
- SCHMIDT, Carlos Borges — “Picadas e caminhos para o mar”, in *Paulistânia*, v. 23, São Paulo, 1948.
- SOUSA, Tomás Oscar Marcondes de — *Amerigo Vespucci e suas viagens*, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1954.

- SOUSA, Washington Luís Pereira de — *Na Capitania de São Vicente*, Martins Editora, São Paulo, 1956.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnoille — *História das Bandeiras Paulistas*, tomos I e II, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1951.
- *Relatos Sertanistas*, Biblioteca Histórica Paulista, v. VII, Comissão do IV Centenário da Cidade de S. Paulo, S. Paulo, s/d.
- *Relatos Monçoeiros*, Biblioteca Histórica Paulista, v. IX, Comissão do IV Centenário da Cidade de S. Paulo, S. Paulo, s/d.
- VASCONCELOS, Diogo de — *História Antiga de Minas Gerais*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1948.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de — *História Geral do Brasil*, tomo 1.º, 6.ª ed., revisão e notas de Rodolfo Garcia, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1956.
- *Ob. cit.*, tomo IV, 5.ª ed., Ed. Melhoramentos, S. Paulo, 1952.
- *Divulgação da "Lettera al Soderini" de A. Vespucci*, in RIHGSP, v. XLI, 1.º, p. 17.
- ZEMELLA, Mafalda P. — "O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII", Boletim n. 118, História da Civilização Brasileira, USP, São Paulo, 1951.